



LITORAL

REVISTA DE ARTES E LETRAS
(Publicação Trimestral)



DIREÇÃO:

PASCHOAL APOSTOLO
NICOLAU APOSTOLO

Redatores Literários:

C. Ronald Schmidt
Di Soares
Pedro Garcia
Taliarbas Martins Costa

Redatores Artísticos:

Hiedy Assis
Mayer Filho
Oscar Berendt
Willy Zumblick

Tércio da Gama

Rodrigo de Haro

Pedro Paulo Vecckietti

João Evangelista de Andrade Filho

Hugo Mund Júnior

Colaboradores:

Arnaldo Brandão (Itajaí)

Augusto Sylvio (Jaragua do Sul)

Italino Peruffo (Joaçaba)

Alvim Barbosa (São Paulo)

Guido Wilmar Sassi (Lages)

Adolfo B. Schneider (Joinville)

Nauro Machado (Pernambuco)

Pedro Geraldo (Rio G. do Sul)

Manoel Walter

Luiz Carlos Maciel

Graciette Salmom

Antônio Fontes

Colaboradores Especiais:

Maura de Senna Pereira

Altino Flôres

Arnaldo S. Thiago

Barreiros Filho

Brasil Gerson

Manoelito de Ornellas

Othon D'Eça

Correspondência e remessa de
livros:

RUA PADRE ROMA 48
FLORIANÓPOLIS — S. C.

A Colaboração assinada será de
responsabilidade dos seus autores

Capa de OSCAR BERENDT NETO

Nós e o governador



Desde a fundação do Grupo Litoral, todos almejavam o lançamento de sua revista. Vimos, após uma série de dificuldades, concretizar as nossas aspirações. Queremos, na oportunidade agradecer ao ilustre Governador do Estado Dr. Jorge Lacerda, que soube compreender o nosso movimento. Numa reunião no Palácio Residencial da Agrônômica, garantiu-nos a Edição trimestral de "LITORAL" pela Imprensa Oficial do Estado.

Simples, solícito e impregnado da mais entusiástica boa vontade, encontramos em S. Excia., um amigo, um companheiro experiente, um veterano na literatura que não vacilou em aquiescer a nossa solicitação.

A DIREÇÃO

Paschoal Apóstolo apresenta:

BALANÇO LITERÁRIO DE SANTA CATARINA EM 1957

Em 1957 a crítica literária catarinense correspondeu, quase que perfeitamente, à expectativa. O ano findo, teve como principal característica o interesse expansionista. Digo expansionista, porque a principal intenção dos novos eram tornarem-se conhecidos na literatura catarinense.

Pela primeira vez, depois de tantos anos, a Academia Catarinense de Letras, volta a instituir um concurso de crônica, poesia e história. O escritor Othon d'Eça, presidente da Academia, conseguiu depois de um esforço heróico, reunir e congregar, novamente, os acadêmicos catarinenses.



PASCHOAL APÓSTOLO

Hoje, em 1958, a Academia Catarinense de Letras é um marco sólido que serve para progetar o nome da cultura "Barriga-Verde".

Othon d'Eça, bem pode ser considerado, o escritor do ano de Santa Catarina, pela sua magnífica atuação. Dirigiu, e ainda dirige, semanalmente, a coluna no jornal "O Estado" de Florianópolis — "Notas Acadêmicas" — dando amplo comentário das principais atividades, desta Academia, na semana que passou, e mais o lançamento, de seu livro "Homens e Algas", livro marinhista de estudos dos pescadores dos arredores da praia catarinense de Coqueiros, e o concurso que a Academia instituiu, no intuito de apoiar e revelar valores novos. Ano, verdadeiramente útil, para os intelectuais de Santa Catarina, que colaboraram sempre, ora no Suplemento Literário, ora pelos jornais locais.

Queremos ainda assinalar o aparecimento da Editôra Colon, em Joinville, e dos lançamentos de "O Engenheiro Misael" de Augusto Sylvio e "Colônia Nova Esperança" de Heinz Ribau livros regionalistas de valor intelectual.

O lançamento do livro "Amigo Velho", merece um comentário especial, pois trata-se da maior revelação no âmbito do conto em Santa Catarina. Guido Wilmar Sassi, ainda possui o individualismo nas suas obras, coisa rara de ser encontrada entre os escritores atuais.

SUL, grupo de renovação entre os novos catarinenses, teve 1957 calmo, com o lançamento de apenas um número de sua revista (nr. 29) SUL não trouxe para o mundo cultural as últimas revelações de escritores e poetas que atualmente estão surgindo em Santa Catarina. O lançamento do livro, pelas Edições Sul, de "Amigo Velho" foi sem dúvida a maior colaboração do grupo.

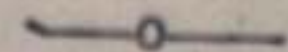
O Suplemento Dominical do jornal "O Estado", que atualmente venho dirigindo juntamente com meu irmão, foi o órgão de maiores comentários e de maior evidência literariamente em Santa Catarina. Ninguém mais do que este Suplemento procurou publicar e valorizar os artigos enviados do interior do Estado. Este trabalho de congregamento de intelectuais do interior redundou num novo movimento literário em Santa Catarina.

"Nossa Capital", do acadêmico Osvaldo Melo, e "Notas & Comentários", de Êgas Godinho, colunas permanentes de jornais catarinenses, muito colaboraram com às suas críticas e comentários às artes catarinenses. A crítica, nos seus estudos de detalhes, em Santa Catarina, necessitava que, antes dela, já existisse uma grande bibliografia, e de posse destes novos trabalhos pudessem formar uma idéia conjunta das principais definições da literatura barriga-verde.

Manoelito de Ornellas, escritor gaúcho, que esteve radicado à terra catarinense em 1957 muito colaborou com seus estudos e trabalhos publicados semanalmente na imprensa barriga-verde. Sua coluna "Livros e Idéias", sob o pseudônimo de Luiz Philippe, aos domingos, tornou-se, pela seriedade dos comentários, o registro de livros de maior simpatia e popularidade.

No jornal "A Gazeta" um rodapé assinado por diversos escritores, esteve sempre em grande evidência, noticiando ao público revelações literárias e históricas de maior progeção. Entre os muitos escritores, os de maior assiduidade bem pode ser apontado Ildefonso Juvenal. Na "A Semana" o poeta Juvenal Melquiades dirigiu com equilíbrio a página literária desse jornal mostrando-se entretanto afastado da crítica. Na "A Verdade" Salim Miguel, em 1957 prestou sua colaboração. No "Diário da Tarde", Tito Carvalho mostrou-se presente nos

diversos movimentos. Gozou de tal popularidade, este jornal, a ponto de ser o órgão escolhido pelos intelectuais da "velha guarda" para a divulgação de seus trabalhos. Esperamos agora, em 1958 que a crítica barriga-verde e os intelectuais catarinenses, quer sejam da Academia Catarinense de Letras, quer sejam do Grupo Sul, quer sejam do Litoral, produzam mais e tomem menos chá.



A I D A D A P O E S I A

C. Ronald Schmidt

Eu marcharei através das montanhas
e por cima das águas continuarei
a minha marcha, armado de ramalhetes
e um sorriso. Os sinos entoarão
a minha chegada e nas vozes eu perceberei
grunhidos como dos cães desconfiados.

Entregar-me-hei totalmente
com a humildade dos sacrificados
e receberei em troca o sacrifício da nudez
E voltarei seguro que de verde deixei
a aridez das terras encontradas.

E sem me importar com a trouxa
que me pesa às costas, apressadamente
volverei atravessando o espaço
que me impede de presenciar a minha doação
aos homens incrédulos, necessitados
esperando-me oportunamente.

SONETO DA SOLIDÃO

Da noite desce sôbre mim a quentura matinal.
Entregue na alvura do cretone de primeira
Fecho meus olhos, retorno com passos decididos
Para o meio da tarde completando-a.

Tu me esperas, pois na minha vontade habitas
E eu sem cordéis te movo e te distendo
E te integro nos meus instintos
E passivamente te abandonas em mim.

Descobrimos o além obscurecido pelos disfarces
E o meu pêso eu sinto que tu sentes enlevada
E nos meus olhos eu vejo que tu vês o nada.

E do nada se transmite em nossa umidade
A sensação de uma vida inteira nas minhas mãos
Argamassando-me o sonho à realidade.

SE VOCÊ SOUBESSE

Pedro de Garcia

Se você soubesse...
Ah! se você soubesse,
Mas você não sabe.
Se você soubesse...
Ah! se você soubesse...
delas,
das consciências esfomeadas.
Se você soubesse...
Ah! se você soubesse.

(Declamada pelos jograis catarinenses)

— 17 —

Pedro de Garcia

Mulheres,
não me olhai com olhares falsos,
porque à noite,
com pés descalços,
vocês dormem comigo.

ESTAÇÕES

Pedro de Garcia

O OUTONO
O INVERNO
O VERÃO
A PRIMAVERA

caiu sobre os soldados mortos
passou cortando lábios
deixou um sol-vermelho
beijou-me a fronte,
era mulher

— 7 —

JANGADAS AO VENTO

Jangadas
ao vento
soltas ao
mar
perdidas
nas ondas
navegam
no mar...

Navegam,
navegam,
em busca
do nada
no mar sem
estradas
perdidas
nas ondas

DI SOARES

navegam,
no mar...
Longe distante
no azul do
horizonte
elas passam
correndo
correndo,
no mar...
Partiram
na aurora
ao rumo do mar.
Partiram
p'ra sempre
e não mais
voltar.

AGUARDEM
PRIMEIRO
LANÇAMENTO
DA
REVISTA
LITORAL



C. RONALD SCHMIDT

PRIMEIRA MADRUGADA
POEMAS
DE
C. RONALD SCHMIDT

JANELA DOS FUNDOS

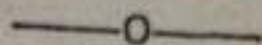
Por: TALIARBAS S. MARTINS COSTA

Nos fundos da minha casa há uma janela triste. Reflexo, talvez, dos melancólicos panoramas que oferece: — De um lado o famoso Morro do Mocotó. Um amontoado de casebres precários, desajeitados, proscritos da simetria. De outro, telhados... muitos telhados velhos, escuros, surrados pelas intempéries, sem beleza, sem poesia. — Do telhado mais humilde, ergue-se uma vara esguia, encimada por qualquer coisa semelhante a um pequeno catavento — nada mais que dois pedacinhos de pau unidos por um prego. — Quando bate o vento, a taboinha da frente gira. Mas gira com velocidade muito reduzida, evidenciando a não menos reduzida capacidade técnica do construtor. Chovia naquela tarde de domingo e o programa era contemplar o catavento inquieto. As horas correram. Parou a chuva. E a tarde morreu lentamente... Não esperava entretanto, que aqueles devaneios fugidos fossem ressussitar na madrugada de segunda feira, em forma de um sonho interessante: "Eis que me encontro num hangar cheio de aviões enormes, potentíssimos. Ficava numa ilha deserta. Atmosfera parada. Silêncio profundo. Ví-me sozinho e quase desesperado, pois nunca me julguei nenhum Robinson Crusóe. Jamais pilotei avião. Mas como não havia outro recurso, decidi-me a voar em busca da civilização. Célere, saltei para dentro do aparêlho mais próximo. Perplexo ante uma infinidade de alavancas e mostradores, senti-me desnortado. O motor não pegava, não havia jeito. De repente, assustado, deparo com um rapazinho maltrapilho, bem na minha frente, manuseando a hélice do avião. Surgira como um fantasma, não sei de onde. Impressionado com a aparição, nervos tensos, desci. Mas o menino, bem comunicativo e desembaraçado, foi logo se identificando: "Sou o Zéca. Fiz um aviãozinho de pau e coloquei-o na ponta de uma vara bem alta, no telhado da minha casa. Quando eu crescer quero um destes, bem grande, todo



de ferro. Quero voar mais alto do que aqueles urubús que vão posar lá no abacateiro do nosso quintal". Nesta altura, tudo se dissipou. Acordei. Foi pena, bem quando estava começando a sensação. Mas acordei! — "Sonho de criança", pensei. Não o meu, o do Zéca!

Lembrei-me então do velho Freud — "Desejos recalcados"; "Fixação de imagens no subconsciente"; "Insatisfações"; "Palavras ouvidas em semiconsciência"; etc. — De Freud, passei ao mestre O. S. Marden — "Um desejo ardente e uma vontade férrea, são as maiores forças radicadas no homem". — Certo também. — Assim começam os "futuros grandes líderes". Porém, só acordei bem mesmo, quando ouvi aquela estridente voz de matrona, longínqua, mas clara: "Zéca, ande depressa, está na hora do colégio". — Surpreso, corri à janela dos fundos, a tempo ainda de ver a mãozinha infantil pendente da vara esbelta, sustentando um corpinho ágil que acabava de pular do telhado para baixo. "Zéca"... Foi a primeira vêz que ouvi aquele nome nas vizinhanças...



UMA ADMINISTRAÇÃO FECUNDA

Por NICOLAU APÓSTOLO

Sem dúvida alguma podemos afirmar que de 1850 a 1959, Santa Catarina atravessou uma fase de grande esplendor construtivo. O bacharel Dr. João José Coutinho tomou posse, por Carta Imperial de 19 de novembro, e somente assumiu no dia 24 por motivos obvios. Sua grande capacidade, desenvolveu-lhe uma articulação que o destacou como o melhor Presidente da Província de Santa Catarina. Seus conhecimentos administrativos também muito o auxiliaram. Quando Coutinho assumiu, o Estado achavam-se com cêrca de 100.000 habitantes. Reduzidíssima para um território tão extenso. Existiam 39 escolas e a receita era de 100 contos de réis. Continha a capital (Destêrro) da Província lampiões, que queimavam óleo de peixe, para a iluminação. Perdurava ainda nesta época as velhas tradições e costumes europeus, provindos pela imigração. Era comum encontrar-se na rua com velhos apegados as tradições. Usavam joqueta curta, bragas de alcapão, colete de veludo e largas gravatas enfeitando os refôhos das alvas camisas de bófes. Autênticos portugueses das ilhas.



Nêste primeiro semestre foi comprado pelo Presidente da Província o primeiro sino para a Matriz, e autorizou a compra de um relógio para a tôrre.

Por êste tempo foi criado a Sociedade hauseatica de imigração. Ainda durante o ano de 1850, foram fundadas as Colônias de "Blumenau" (20 colonos iniciais); "Joinville"; "Dona Leopoldina"; "Militar" e "Belga", sendo que as duas primeiras prosperaram muitíssimo, devido principalmente sua posição gráfica.

No dia 6 de janeiro de 1851 o Presidente da Província fêz entrega à Câmara, do novo Mercado, situado no Largo do Palácio (hoje Praça XV de Novembro). No dia 10 foi aberto ao público. Foi demolido em 1896. Pelo decreto n. 1561 do governo de São Paulo é criado uma secção de cavalaria em

Palmas. Rondava a febre amarela, desde 1850, trazida de fora pelos navios que aportavam quase que diàriamente ao encoradouro do Destêrro, em pequenos surtos frequentes mas de pronta extinção. Depois de doze anos, é terminada a construção do corpo central da Igreja Matriz do Destêrro. Nêstes anos dispenderam a Venerável Ordem, com a sua construção, quase sete contos — mas quando se deu por inteiramente concluida a obra, com o assentamento do relógio na sua tôrre, em 1851, fôra dispendida a importância total de dezesseis contos tresentos e quarenta e quatro mil duzentos e sessenta réis. ✕

No seu segundo ano de govêrno, com verbas do Ministério do Império, construiu a ponte do Imarui no Município de São José. A 3 de fevereiro de 1852 surgiu a batalha de Morow ou Monte Cacêros contra as tropas do Tirano Rosas. E' elogiado pelo Marquês de Caxias o bravo catarinense Major Manuel de Souza Gama Lobo d'Eça do 1º Regimento de artilharia a cavalo, por ter sido o primeiro que levado de sua bravura e entusiasmo, penetrou no começo do ataque á casa da Sotêa, expondo temerariamente sua vida. Grande repercussão causou êste fato na antiga Destêrro. Sendo um dos únicos que Caxias elogiou, para nós catarinense foi motivo de júbilo e orgulho. No decorrer de 1852 os socorros e a saúde pública o preocupam. São epidemias de "câmaras de sangue e escarlatinas e bexigas", que fazem os catarinenses passar maus bocados e que dão também, ao Presidente, uma série de problemas novos.

Deflue o ano de 1852 com a Presidência assoberbada de serviços. Entra o ano de 1853. A 23 de março, o Presidente da Província, o Dr. João José Coutinho promulgou a Lei n. 352, criando no lugar denominado — Tráz do Morro — a freguesia sob a denominação de Santíssima Trindade. Por meados de abril corre uma notícia que alvoraça a pacata cidadezinha de Nossa Senhora do Destêrro.

Corre à bôca-pequena que o Presidente Coutinho fôra removido, para a Província de Alagôas. Mas, para felicidade da terra catarinense, não passou de um boato. A 16 de julho, faleceu o coronel da guarda nacional, Agostinho Alves Ramos. Foi êle o sucessor de Antônio Menezes de Vasconcelos Drumond, o fundador de Itajaí. Durante várias legislaturas, foi deputado provincial. Uma grande perda, que muito lamentou o Presidente Coutinho. Nestes 3 últimos anos de sua vida política muito colaborou com o govêrno provincial. No dia 7 de setembro, na cidade de Nossa Senhora do Destêrro, instala-

se a Associação Catarinense de Comércio, Agricultura e Artes. A 22 ainda dêste mês e ano, é encenado, pela primeira vez, na nossa Capital provinciana, o drama "O Pescador" (também chamado "O Conde de Castellamar"), de autoria do nosso conterrâneo Álvaro Augusto de Carvalho, o príncipe dos dramaturgos catarinenses. A 22 de novembro aparece no cenário cultural catarinense a meritória obra do major Manoel Joaquim de Almeida Coelho, intitulada "Memória Histórica do Regimento de Linha de Santa Catarina". Foi escrita na cidade de Destêrro no ano de 1850 e impressa na Tipografia Catarinense, de propriedade do germano A. Maria. São 56 páginas repletas de informações sôbre os seus serviços notáveis, e dos motivos, e lugares onde os prestou. E' a glorificação do soldado Barriga-Verde, o herói quase esquecido das guerras do sul contra o espanhol invasor, que nas missões guaranís, quer na defesa dos pampas gauchos e da sua terra natal. Foi, ainda o valente das campanhas do Rio Grande e da Cisplatina. O Presidente Coutinho via com satisfação o crescimento e progresso da colonização alemã em Blumenau e na Colônia de "Dona Francisca", e, também, registrar o desenvolvimento da freguesia da Santíssima Trindade de Traz do Morro, na ilha de Santa Catarina. Nêste fim de ano, a Ordem terceira determinará a construção de um carro fúnebre, para a condução dos féretros até o cemitério longinquo e no tôpo de uma ladeira, nada agradável de subir, fazendo até uma subscrição para tal fim. Cada vez é mais a sua atração que lhe via nascer os filhos e os via crescer e, também, cada dia que passa, a sua figura, de cidadão e de homem público, mais se avantajaram, pelas suas virtudes e pelas suas qualidades de espírito. Surgem novamente as solenidades do fim do ano. Conforme descreve Langsdorff durante sua estada em Santa Catarina. "Os pretos escravos, que durante o ano todo eram obrigados a constante trabalho, gosavam então de alguns dias de folga, quando se divertiam ao seu modo, exercitando-se nas suas danças nacionais, cujo objeto principal consistia na representação simbólica de ações da vida ordinária, como pescarias, caçadas e guerras". A população aumentára muito com a imigração. Fundou-se então outra Colônia Militar de Santa Tereza, a meio caminho da estrada que liga a Capital Provinciana à Lajes. Dotou a Capital com a Biblioteca Pública, pela Lei n. 375 de 31 de maio de 1854. com volumes oferecidos pelo cidadão Joaquim de Azevedo, residente no Rio de Janeiro. Inaugurou também o Liceu Procincial, um Colégio de Jesuitas, um teatro cujo Pedra Fundamental deu-se a 29

de junho de 1957. Foi chamado de Teatro Santa Isabel. Em 1854 foi criada a freguesia de Paraty e a freguesia do Santo Amaro foi desmembrada da paróquia de São José. Por resolução da Assembléia Provincial de 16 de julho foi criada a freguesia de Campos Novos. No fim dêste ano apresentava um acêrvo de 1.099 volumes e a Presidência solicitava aos Senhores Deputados a elevação da dotação orçamentária de 600\$00 Rs. para 1:200\$00, destinada à aquisição de livros. Mais um ano de íngremes serviços é terminado. Acaba assim a parte que dedicou a colonização e imigração. Seus quatro primeiros anos dedicou-se quase que exclusivamente à colonização e habitação do solo, inhabitado, catarinense. Aumentou a receita provincial. A 9 de janeiro de 1955 inaugurou a Bibliotéca Pública da Capital que, apesar de modesta, muitos e bons serviços vem prestando á mocidade estudante.

Walter F. Piazza descreve neste ano uma forte oposição encontrada pelo Presidente num jornal recém fundado.

"E, "regular foi um todo o ano de 1855 o estado sanitário da Província, nenhuma epidemia houve, nem mesmo a cholera-morbus, que tanto tem aflagido a outras Províncias do Império".

Mas, nos fins daquêle mesmo ano de 1855, teve o Presidente João José Coutinho que enfrentar uma tenaz oposição.

Os seus adversários ganharam fôrças, com o lançamento de um jornal: "O Argos da Província de Santa Catarina", dirigido e editado pelo professor de primeiras letras e veterano soldado José Joaquim Lopes, uma das mais interessantes figuras do jornalismo catarinense de sua época.

E, de quando em vez, zurziam as críticas ferinas, atacando os mais diversos aspectos da administração pública.

Das quesilhas entre a Assembléia Provincial e a Presidência da Província, aquêle órgão da oposição, tirava partido e explorava:

"De tempos a esta parte temos notado que a atual administração adotou um expediente, aliás prejudicialíssimo, para burlar as deliberações da Assembléia Provincial. E' por certo uma das excelentes qualidades administrativas que S. Excia. possui em grau superior os demais presidentes que temos conhecido, e talvez seja a razão porque os seus amigos e adaladores apregoão que S. Ex. é um administrador de província sem igual".

Neste passo as críticas se estendem... vão desde as obras públicas até a instrução secundária. E por haver contratado, para lecionar inglês, um homem que professava a religião

reformada, lançam os opositores do Presidente Coutinho — certamente com interesses políticos — dúvidas quanto às suas convicções de católico, apostólico, romano”. No ano de 1856 a grande preocupação do Presidente João José Coutinho foi a instrução secundária, aliás, o que mais lhe deu dôres de cabeça. A 5 de fevereiro faleceu no Rio o Marechal Antéro José de Brito, barão de Tramandaí, que foi Presidente da Província. No dia 8 ainda de fevereiro faleceu também no Rio de Janeiro o ilustre catarinense Manoel José de Souza França, que no 1º Império foi Ministro da Justiça e Presidente da Província do Rio de Janeiro. Pela resolução n. 404 de 17 de março de 1856 é aprovada a autorização concedida a José Maria da Luz, para fundar a Capela de São Sebastião da Praia de Fora. No dia 29 de março o jornal Mensageiro, referente ao barulho que incomodava nas Igrejas, publicou o seguinte:

A PROPÓSITO DE ASSOBIOS: — Não podemos deixar de censurar altamente o proceder grosseiro de certa gente, que julga que a casa de Deus é alguma platéia de teatro subordinada, alguma praça de touros ou casa de batuques. Como desculpar o proceder desses moços que compunham a Procissão de fogaréos e que ao entrarem na Igreja São Francisco arrastavam os pés e faziam uma gritaria própria de pessoas que não elas? O que quer dizer no Ofício de Trevas esse barulho extraordinário? A Igreja parece então uma casa de fandango do que de oração”.

Visando o desenvolvimento cultural, criou pela resolução n. 417 as cadeiras isoladas de francês, inglês, latim, filosofia racional e moral, retórica e poética, história e geografia e matemática elementares. Pela resolução n. 419 resolveu e simplificou o ensino em nossa terra. Esta resolução dividia-se em 5 itens. O primeiro é criando nos colégios as matérias da resolução n. 417. O segundo que o ensino fôsse gratuito. O terceiro, abrindo os portões dos antigos colégios. O quarto, uma conceição de dois contos de réis para a manutenção das escolas, e quinto uma nova subvenção anual enquanto perdurar o contrato fixado. Mas apesar de tudo não conseguiu trazer os Jesuitas para Santa Catarina. Sua administração tomava vulto. O amparo à Introdução, nos seus vários graus, teve uma grande repercussão. Das 39 escolas existentes na Província, passou a 79 unidades escolares, um acréscimo de 40 escolas. Em janeiro de 1857 abriu-se um colégio de Irmãs de Caridade. Tem assim início a lecionalização dos alunos por estas divinas Irmãs de Caridade. A 27 de março, Laguna tôda, homenagela com festas seu filho dileto Jerônimo Francisco Coelho, fundador da Imprensa Catarinense. O pri-

meiro jornal "O Catharinense" foi sem dúvida alguma um grande lançamento em nossa Província. A 24 de outubro criou-se uma Companhia de Aprendizes Marinheiros, pelo decreto imperial n. 2.003, sendo o seu primeiro comandante Tomaz Pedro de Bittencourt Cotrim. Foi instalada primeiramente e provisoriamente, na Rita Maria, posteriormente passou para o Forte de Sant'Ana.

Em fins de 1857 formou-se Luiz Delfino dos Santos, o maior poeta lírico, na Faculdade de Medicina, sendo orador da turma. Contraindo núpcias no ano seguinte com a Sra. Carolina Garcia, de família fluminense. Pôr êste tempo começavam os incidentes sôbre a questão de Limites entre o Estado de Santa Catarina e Paraná, que prolongaram até o Regime Republicano.

Após a volta do Presidente Coutinho a esta Capital, neste ano de 1857, uma notícia se espalhou pela cidade do Destêro, revolucionando o pacato ambiente: falava-se na substituição do Presidente por um Militar. Para os opositoristas, não houvera melhor notícia. Exultaram os adversários políticos. Mas não passara de um simples boato.

Por esta época o Presidente da Província ordenou ao Sr. Capitão de Engenheiros Sebastião de Souza Mello, que procedesse a um exame nas obras da Igreja de Nossa Senhora do Parto, apresentando-lhe igualmente orçamento da despesa para a conclusão da capela-mór.

O ano de 1858 não foi muito fecundo, na administração do Presidente Coutinho. A Bibliotéca Pública recebeu nova remessa de livros, aumentando assim uma nova sala daquela dependência. As Colonias tomavam vulto no norte da Província. Construiu pequenos trabalhos administrativos, sem grande repercussão. A 10 de agosto de 1859 na Capital do Império, surgiu um novo movimento com a mudança do Gabinete auxiliar.

"Governava sempre, dentro de um critério elevado de Justiça, honestidade e bom senso administrativo, enfrentando os procelosos ventos da palítica e vendo cair sucessivamente, cinco gabinetes ministeriais, sem a situação governamental — para a felicidade da Terra Catharinense — fôsse afetada".

Entretanto, com a posse de novos homens para os cargos ministeriais, à Santa Catarina é nomeado o Bacharel Espereidião Eloy de Barros Pimentel, liberal alagoano, a quem são entregues, pelo Presidente João José Coutinho, a 23 de setembro daquêle mesmo ano, as rédeas do govêrno catarinense.

Partindo brevemente com destino à Metrópole do Império, Coutinho despede-se tristemente dêste povo, que só gran-geou amizades. Santa Catarina atravessou uma grande fase de esplendor construtivo e administrativa com a gestão fe-cunda do bacharel que durante nove anos só legou à esta terra seus conhecimentos administrativos.

O livro "SANTA CATARINA SEGUNDO WAPEUS" de Custódio Campos, foi lançado nas livrarias no dia 25 de abril.

Walter Piazza, foi eleito para a Academia Catarinense de Letras, ocupando a cadeira do Almirante Henrique Boiteux, e que tem por patrono Manoel de Sousa França.

Foi nomeado novo diretor do Museu de Arte Moderna, o professor de Desenho da Faculdade Catarinense de Filosofia, João Evangelista de Andrade Filho.

Sòmente no dia 2 de abril a Academia Brasileira de Le-tras declarou aberta a vaga do grande historiador catari-nense falecido em São Paulo, no dia 20 de março, Sr. Alfredo de Escragnolle Taunay.



"SÃO FRANCISCO"
Hiedy Assis Corrêa

Hiedy
58

PÓRTICO

GRACIETTE SALMON

A Vida por fora,
é assim como um rio
revolto, furioso,
bramante e bravio.

A Vida por fora,
— marulho, aflição —
e angustia, tristeza,
desesperação.

A Vida por dentro,
e assim como um rio
cantando, sereno
em doce amavio.

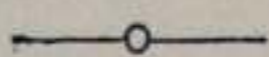
A Vida por dentro,
— remanso e dulçor —
e a felicidade,
Você... êste amor.

O PRÍNCIPE E AS PALMEIRAS

Por: ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER

O título do presente trabalho sabe a LAFONTAINE e lembra o fino "esprit" que emana das fábulas recolhidas por aquêlê autor francês do Século XVII, quando o mesmo retratava aquêlê tempo feliz, quando os bichos e as coisas ainda falavam.

Mas é puro engano do caro leitor. Êste trabalho nada tem a ver com fábulas.

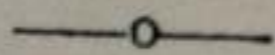


O estudo do passado da Terra dos Príncipes nos conduz às vêzes a descobertas inesperadas.

Todos, os que nascemos em Joinville também os que viemos para cá morar, nos acostumamos a olhar essa bonita, para não dizer ESPETACULAR Alameda de Palmeiras Reais como uma coisa natural, uma coisa lógica, que não podia ser diferente.

Como se existissem palmeiras reais aí no brejo, fazendo companhia às figueiras, aos ipês, aos guapiruvú e aos guanandís. E alguma alma bôa e amante do belo, que nos deixou há muitos anos, tivesse um certo dia, isto é, no século passado, tido a idéia de transplantar determinada quantidade de mudas, formando uma alameda, a mesma que ainda hoje nos alegra e aos que visitam a nossa cidade, com seu porte elevado, com sua magnificência, com seu esplendor.

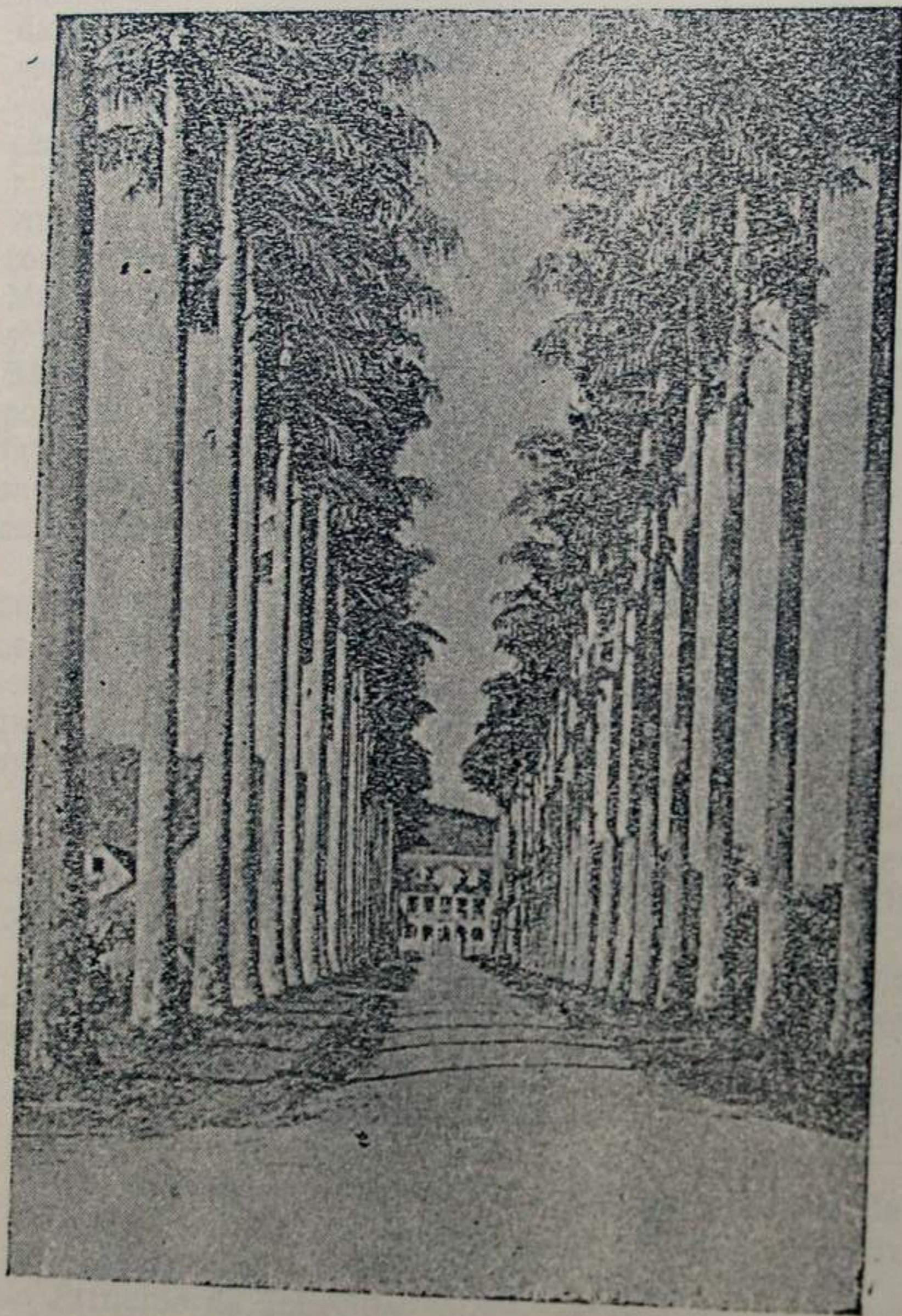
Na realidade, tudo foi um pouco diferente...



A História de Joinville não começa apenas em 9 de março de 1851, com a arribada às margens lodosas do Rio Cachoeira de 191 imigrantes provindos de diversos países da Europa Central e Norte. Ela se inicia muito antes.

Existe em alemão um ditado popular muito conhecido: — "Grosse Ereignisse werfe ihre Schatten voraus" (Os grandes acontecimentos se prenunciam pelas suas sombras...).

Se estudarmos as causas, que conduziram à fundação de Joinville, assim como de tantas outras colonias nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, a nossa aten-



A HISTÓRICA AVENIDA DAS PALMEIRAS
TENDO AO FUNDO O PALÁCIO IMPERIAL

ção é dirigida sempre novamente para os seguintes aspectos da Europa daquêles tempos: — as guerras napoleônicas, que atingiram praticamente a todos os países europeos; as revoluções francesas de 1789, de 1832 e de 1848, que convulsionaram não somente a França, mas também as demais nações continentais; a industrialização ultra-rápida principalmente da Inglaterra, da França e dos "Laender" alemães, fenômeno semelhante que assistimos presentemente no Brasil e que costumamos denominar **CRISE DE CRESCIMENTO**; a ausência absoluta de leis sociais, cuja necessidade foi reconhecida apenas depois, formando os defensores do socialismo em seus diferentes aspectos correntes menos ou mais fortes conduzidas por Saint-Simon, Auguste Comte, Charles Fourier, Marx e Engels. Também a Igreja não deixou de se pronunciar sobre êste magno problema, ao lançar o Papa Leão XIII a **RERUM NOVARUM**; enfim, tôdas essas incertezas de caráter político, econômico e social, como resultantes dos referidos fatores, prepararam na Europa o clima, para que se realizasse o êxodo em massa, quase que explosivo, das populações européias para além-mar.

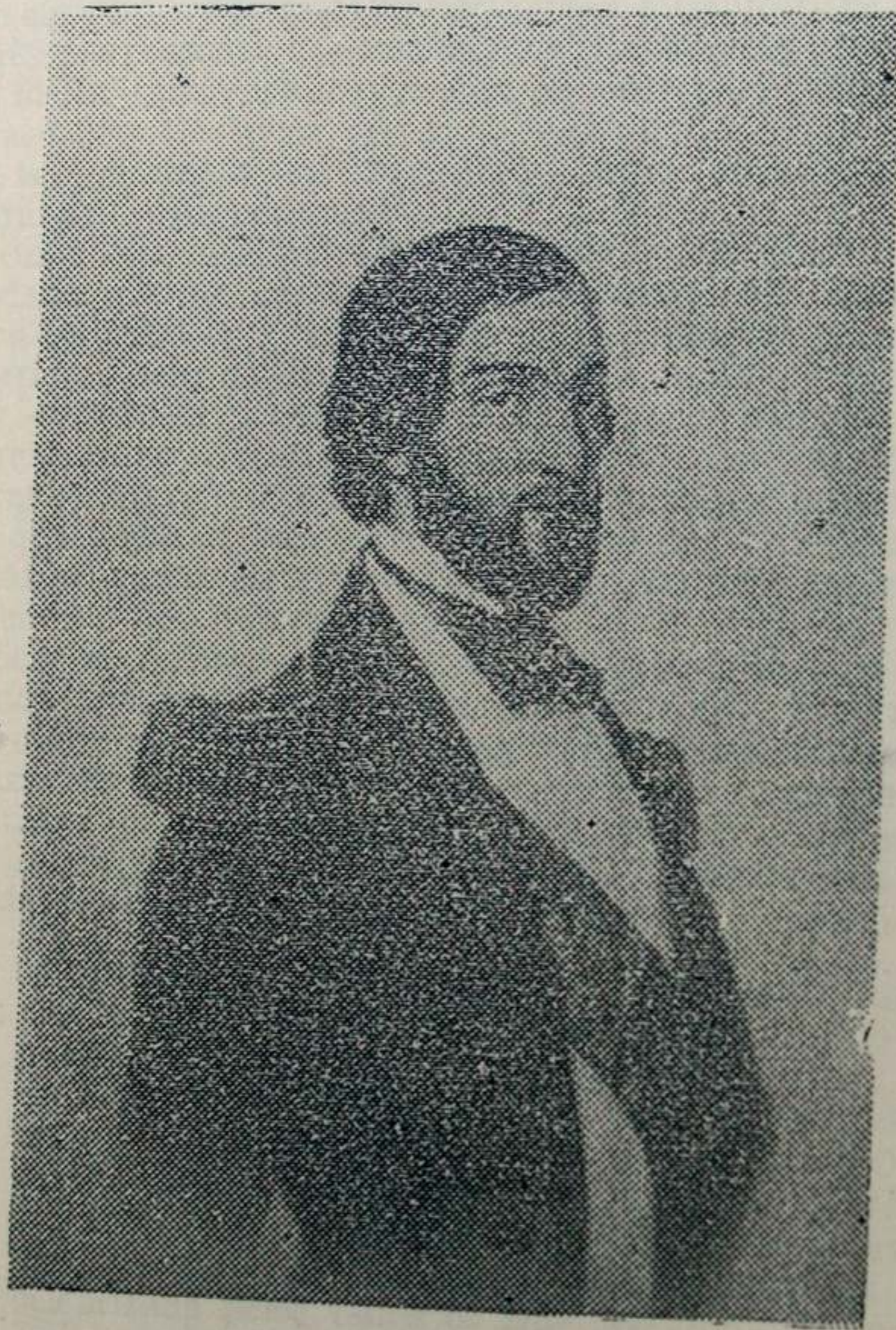
Mas, dêste lado do Oceano também havia razões e não poucas, que favoreciam a essa corrente imigratória. Não cabe porém, no presente trabalho, feito com intúitos bem diferentes e delimitados, um desenvolvimento dessas razões, que comportariam talvez, elas sòzinhas, um livro ou no mínimo, um longo capítulo.

Entre estas razões porém e para voltar ao título do trabalho, quero citar apenas um dos fatores mais em evidência: — as visitas, porque foram ao todo **TRÊS**, do Príncipe de Joinville, ao Brasil e à família imperial brasieira.

Trataremos em seguida da primeira dessas visitas, diretamente ligada, como veremos, à nossa bonita Alameda das Palmeiras.

Não perdendo de vista a História da fundação de Joinville e tendo sempre como "leitmotiv" a esta, é com certeza muito interessante relermos uma vez o "DIÁRIO" deixado pelo Príncipe de Joinville, quem certamente o fez, mandando depois copiá-lo em primorosa caligrafia, como nos conta Lourenço Luiz Lacombe, Chefe da Divisão de Documentação do Museu Imperial, no **ANUARIO** relativo ao ano de 1950.

Acha-se o referido Príncipe ligado diretamente à fundação da cidade de Joinville, seja pelo seu casamento com a



O PRÍNCIPE DE JOINVILLE, SEGUNDO
UMA PINTURA DE WINTERHALTER

princesa imperial Dona Francisca, irmã de Dom Pedro II, seja também pelo seu interesse posterior na colonização destas terras, que lhe haviam cabido em virtude do Contrato de Casamento celebrado no Palácio Boa Vista, no Rio de Janeiro a 1º de maio de 1843.

Por estes motivos temos nós, ainda hoje, um grande interesse em conhecê-lo mais de perto, para auscultar-lhe os seus interesses pessoais, conhecer-lhe as tendências filosóficas, suas idéias e principalmente suas opiniões particulares sobre o Brasil daquela época, sua terra e sua gente. Nada melhor, para isto, do que o seu "Journal du Séjour au Brèsil", o seu "Diário da Visita ao Brasil".

Uma feliz casualidade, ou melhor, o destacado espírito de colaboração do snr. Marques dos Santos, DD. Diretor do Museu Imperial de Petrópolis, me pôs em contato direto com o referido Diário do Príncipe de Joinville, onde o mesmo descreve, em rápidas anotações, as suas duas primeiras viagens ao Brasil e que se realizaram em 1837/38 e em 1841. Escritos em francês, os referidos apontamentos representam uma fonte mais que fabulosa, para se analisar o caráter e as tendências pessoais de quem, êle mesmo filho de rei, seria em breves anos cunhado de um Imperador.

Logo no começo, em uma das primeiras linhas do citado "Diário" ficaremos sabendo da grande afeição do Príncipe pelos coqueiros, ou melhor, pelas PALMEIRAS. Vamos pois traduzir um breve trecho, justamente o que se refere ao 1º de janeiro de 1838, quando o autor do Diário divisa pela primeira vez em sua vida, ao longe, o Pão d'Açúcar e a Barra da Baía de Gunabara. Escreve o Príncipe:

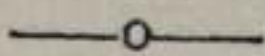
"Começo o dia, apresentando a todos os meus votos de Feliz Ano Novo. Estamos navegando ao longo de belas costas cobertas de florestas espessas, dessa vegetação tropical tão rica e tão variada; em tôda parte vejo COQUEIROS, a minha ÁRVORE FAVORITA. A noite nos encontramos junto a um grupo de ilhas situadas diante da entrada da baía e depois, favorecidos por um bonito luar, nos aproximamos da Barra celebrizada pelos feitos de Duguay-Trouin. Após uma conversação mediante megafone com a fortaleza de Sta. Cruz, tentamos entrar na Baía, porém, arrastados pela violência das correntezas, somos obrigados a ancorar nas imediações do Pão d'Açúcar, singular montanha assim denominada em virtude de sua forma e que, como um fanal gigantesco, indica aos navios a

entrada para o Rio de Janeiro. O Almirante Leblanc vem a bordo; presta-me informações sobre a Insurreição na Bahia e sobre a impossibilidade de eu viajar, futuramente até lá. Tenho a impressão, de que há alguma demora em sermos atendidos. Em pensamento porém vejo o pequeno Imperador, à chegada do grande navio francês, correr para avisar às suas irmãs, exclamando: — “CHEGOU O PRÍNCIPE DE JOINVILLE! PREPARAI-VOS DEPRESSA!”

Devemos lembrar-nos neste momento, que Dom Pedro II, nascido em 1825, já em 1831, com a abdicação de Dom Pedro I, se tornara Imperador do Brasil, isto é, com apenas 6 anos de idade.

Por ocasião da primeira visita do Príncipe de Joinville, o Imperador tinha por conseguinte apenas 13 anos. Tinha, pois, o Príncipe, razão para falar do “pequeno Imperador”.

Na mesma ocasião, Dona Januária tinha 17 anos e Dona Francisca, que mais tarde seria sua esposa, apenas 15.



Um e outro de nós, que nascemos e que vivemos em Joinville, um pouco mais pensativos do que a totalidade do nosso povo e que já nem nota mais as palmeiras, porque elas se tornaram muito altas e ainda, porque sempre estiveram aí, nesse mesmíssimo lugar, onde elas se encontram, já terão pensado não somente na PROCEDÊNCIA dessas lindas palmeiras, que encontramos novamente algumas poucas em São Francisco, diante da antiga Escola Alemã, depois duas ou três em Blumenau, ao lado da Prefeitura daquela cidade quase nossa irmã-gêmea, ainda um círculo plantado ao redor do Monumento aos Heróis da Guerra do Paraguái, em Florianópolis, mas depois principalmente no Rio de Janeiro e na Bahia, digo, terão pensado também sobre os MOTIVOS para a escolha justamente desses vegetais, cuja pátria se localiza na Ásia distante, para ornamentar a via pública, que conduz ao Palácio dos Príncipes.

Brustlein, longos anos governador da Colônia, na qualidade de representante do Príncipe, as mandou plantar, justamente porque sabia:

“... partout le cocotier, mon arbre favori!”

Pois sendo esta a predileção do Príncipe, o qual talvez nunca antes havia estado nos trópicos, como não terá ficado extasiado o mesmo, em 1838, ao se deparar poucos dias de-

pois de sua chegada e fazendo, em companhia da família imperial, passeios e piqueniques aos lugares mais pitorescos, repito, ao se deparar diante das palmeiras reais mandadas plantar por Dom João VI no Jardim do Rio de Janeiro. Tão encantado que mandou — com tôda a certeza essas instruções emanaram dêle mesmo — que fôsem plantadas em Joinville, deante do Palácio construído em 1872 e ligando-o à nossa via principal, a Rua do Príncipe, essa longa fila dupla de palmeiras reais, que hoje formam a nossa Alameda Brustlein, um dos pontos altos de atração turística da hoje cidade de Joinville.

Eis pois, meu caro leitor, em exposição detalhada, o motivo único e também lógico, de terem sido plantadas essas palmeiras em Joinville: a predileção, o verdadeiro amor de Príncipe pelos “cocotiers”, isto é, pelas palmeiras.

Filho de rei, não queria êle com certeza prescindir do fausto e do esplendor que sem dúvida representa um castelo no final de longa e bonita alameda de palmeiras reais, para quando viesse residir eventualmente em nossa cidade. Essa mudança ou pelo menos visitas esporádicas devem ter feito parte das cogitações do Príncipe, porque em 1871 a França saíra derrotada da guerra franco-prussiana, cujo fato teve como resultado a proclamação da Terceira República, cujo 1º. Presidente foi Adolphe Thiers.

E o “Palácio dos Príncipes”, como é chamado pelo nosso povo e que, quase centenário, continúa intacto, foi construído em 1872...

E hoje, passados também quase 100 anos desde o plantio dos referidos exemplares, podemos afirmar com certa alegria: — não era máu o gôsto do Príncipe. Devemos aplausos ao mesmo. Era êle não sòmente um homem amante das belezas naturais, mas também um homem previdente, que pensava mais no futuro, pois temos mesmo a impressão, que, mais de uma vez, terá pensado: — “Como não ficará bem essa Alameda, mais tarde, quando as palmeiras forem adultas!”

Graças a êsse verdadeiro amor do Príncipe pelos “cocotiers”, Joinville pode apresentar hoje e o faz com orgulho, um dos aspectos paisagísticos mais faustosos do Estado de Santa Catarina e mesmo do Sul do Brasil.

CONSUMAÇÃO PREMATURA

NAURO MACHADO

I

Carrego no rítimo onde reverbera
a manhã, esta, que sem tarde e poente
corrói a polpa e o silêncio e mais que a polpa
todo o corpo, que corpo não poupa
para a morte, pois a hora tôda
não é pouca para a consumação
tôda da vida. E cumpre destruir-me,
pois na consumação reverbera
o silêncio, êste, o meu, sem tarde e poente.

I I

Acolho-te, acolhemos a ância, o âmbito
da paz, se a morte no corpo sem trânsito,
grita? Na cama os corpos, as garrafas,
ante o antes, ante o tédio destas Parcas,
que aqui, finados, o olhar sol sem marcas
apodrece em manhã sem dia. Onde o verbo
de solidão, que a solidão esconde
do verbo? Se aqui alucina o céu, e a raiva
(raiva) do viver me rasga: sai, vai
pela poeira do suicídio, onde as violetas
pendem, suadas, e saem as trombetas,
últimas, no silêncio das muralhas:
e a paz em tudo e as gramas sôbre as palhas
Acolho-te, acolhemos a ância, o âmbito
de paz, se a morte no corpo sem trânsito,
grita?

I I I

Telúrico grito em silêncio e
chama e o sol é pó e recesso, que mármore
me obceca, e o mistério é a rosa insana,
de onde o recesso é váculo e o inaudível
mais que o simples váculo, angústia
de solidões frias e impalpáveis
onde os céus de puro não alucinam
e o sol é pó de ódio, rosa insana,
no telúruco grito de silêncio
e solidão. E o corpo, para o mistério,
ainda é cedo. Mas cumpre destruir-me.



"VELHA" de Glauco Rodrigues

QUASE POEMA PARA A AVÓ MORTA

(Inédito. Escrito para Marita Pinheiro Machado interpretar).

ANTÔNIO AUGUSTO NÓBREGA FONTES

O misterioso silêncio dos teus lábios que não falam mais...
O sagrado mutismo da tua boca cerrada para sempre...
E no meu coração ferido e maltrado,
a vontade de ouvir a tua voz!

A misteriosa quietude das tuas mãos cansadas...
A sagrada imobilidade das tuas mãos postas para um rezar
sem fim...
E no meu coração ferido e esfarrapado,
a vontade de sentir o teu carinho!

Uma saudade muito terna
faz desabrochar junto de ti
uma rosa rubra, cada madrugada.
Esta mesma saudade,
de vez em quando me transporta
para onde um dia te deixaram,
serena, tranquila, imóvel para sempre!

Não venho chorar a tua ausência,
ó morta sempre amada,
para quem minha vida nunca teve segredo
e meu pecado sempre teve perdão.

Venho antes repetir-te que o mundo adverso,
a sorte ingrata, os homens malfeitores,
não conseguiram apagar a lição
que a tua vida me ensinou:

Amo a Deus sobre tôdas as coisas!
Amo ao meu próximo como a mim mesmo!

CONVERSANDO COM ONDINA FERREIRA

Entrevista de ALVIM BARBOSA

Ondina Ferreira lançou seu primeiro romance "OUTROS DIAS VIRÃO" em 1943. Até essa época nada escrevera a não ser impressões pessoais, incomunicáveis. De repente resolveu



Ondina Ferreira, na ocasião que concedia uma entrevista ao poeta Alvim Barbosa, especialmente para esta revista

lançar um desafio a si mesma e o romance saiu. "Vê-lo nas vitrines das livrarias casou-me calafrios, ora penosos: aquela projeção do meu pensamento para um plano exterior lisonjeava a minha vaidade, mas também era como se um pedaço de mim mesma se tivesse transformado em mercadoria..."

Em 1944 publicou "... e êle te dominará" Em 1946, "Inquietação", que no ano anterior obtivera o prêmio "Alcântara Machado", da Academia Paulista de Letras. Em 1947, saiu

à luz "Vento de Esperança", pelo qual, segundo confessa, ainda tem um certo fraco, e em 1948 "Navio Ancorado", incluído na Coleção Saraiva. Daí por diante esmoreceu o ritmo de sua produção. "Casa de Pedra" apareceu em 1952 e "Mêdo", galardoado com o prêmio "Júlia Lopes de Almeida", em 1954. De todos os seus romances, a crítica mais se ocupou com "Chão de Espinhos", publicado em fins de 1955, e que recebeu o prêmio "Coelho Neto", da Academia Brasileira. Creio porém, que a maioria das minhas leitoras dá preferência a "Casa de Pedra".

Sua vida literária tem sido das mais tranqüilas. Deu ao seu trabalho o melhor de si mesma e, se não alcança um nível mais alto, "a culpa cabe às minhas naturais limitações". Não tem hora certa para escrever, mas precisa de silêncio para fazê-lo. Nunca desejou mal a ninguém, "mas sinceramente tenho pedido aos céus que faça dar cupim no piano do apartamento de cima, onde alguém dedilha sempre as mesmas músicas, cada vez com menos destreza e sensibilidade".

Ondina Ferreira tem entre outras qualidades, a mais bela: é simples. Perguntamos sobre incidentes em sua vida literária: — "Sempre há um ou outro incidente pitoresco pontilhando a vida de quem escreve: o mais engraçado, ocorrido na minha, prende-se paradoxalmente a uma visita a um necrotério, de onde saí doutora em cadáveres... E que mais? Costumo afirmar que o romance em execução, no momento, encerrará minha carreira literária. Desminto-me, depois, porque sempre encontro mais alguma coisa para contar. Mais dia, menos dias, abandonarei o gênero ficção. A biografia e o ensaio andam me tentando".

— Acredito que suas leitoras gostariam de saber que relação existe entre o amor e a vida. É possível ou impossível viver sem amor?

— A relação entre o amor e a vida? Muito estreita: cada ato vital é um ato de amor. Amor para consigo mesmo, para com o próximo, para com as coisas, para com Deus. Até no ódio há amor: amor para com tudo que se opõe aos seres, objetos e sentimentos que nos inspiram o ódio. Assim sendo é impossível viver sem amor. Mas há vários tipos de amor; os que aperfeiçoam e os que rebaixam; os fecundos e os estéreis; os que trazem paz e os que trazem inquietação. Benaventurados todos que encontram no amor uma fonte de paz onde continuamente se abeberam!

— Qual é o seu ideal de felicidade terrestre?

— Meu ideal de felicidade terrestre tem mudado de acôrdo com as mudanças que o tempo processa em mim. Teòricamente, acho que só alcançarei a felicidade quando mais nada desejar, a não ser estar em paz comigo mesma. No momento ainda desejo muita coisa, para ser feliz: livros, um pedaço de mar, uma afeição... Assim mesmo, creio que nunca seria feliz sabendo que meu vizinho não o era. E se, apesar de tudo conseguisse ser plenamente feliz, o temor de perder essa felicidade me tornaria infeliz. Por aí se depreende que a felicidade e eu dificilmente nos encontraremos.

— Quais são os êrros que merecem sua indulgência?

— Todos os que não estão ligados ao orgulho. O orgulho, pecado de Lúcifer, o mais belo dos anjos, precipitou-o no inferno. É o único êrro irremissível.

— O que é mais fácil: romance, conto ou novela?

— Se escrevi oito romances, dois ou três contos e uma única novela (assim mesmo por ter sido encomendada), bem demonstro que para mim são mais transitáveis os caminhos do romance. Poucos escolhem o que lhes parece mais difícil. Além disso, apego-me às minhas personagens e não gostaria de abandoná-las muito depressa, depois de ter-lhes dado a vida, como aconteceria se escrevesse contos ou novelas. Caso não receasse aborrecer meus leitores acho que nem mesmo criaria novas personagens; interrogaria melhor as antigas, arrancar-lhes-ia outros segrêdos.

— Das suas personagens, qual a que lhe inspira mais ternura?

— A que mais sofreu: A Lêda de "Casa de Pedra". Ela se viu sòzinha diante de seus problemas; embora rodeada de gente conheceu a mais densa, a mais completa das solidões. Também a Maria Isabel de "Navio Ancorado" me enternece pela sua fragilidade, seu desamparo: nada havia de comum entre ela e êste mundo, era uma estranha, uma inadaptada. Talvez o seu drama ainda seja mais pungente do que o de Lêda, pois esta sabia onde estava o mal, apenas se sentia importante para abrir luta com êle e Maria Isabel, vítima da sua fantasia, nem mesmo sabia separar o bem do mal...

— Psicològicamente, qual a sua personagem melhor constituída?

— Talvez seja a Morgana do romance que hora escrevo, justamente pela sua falta de unidade psicológica. Suas incoerências e contradições. Mas com mais propriedade esta pergunta se dirigiria a meus críticos e a meus leitores.

— Se fizesse uma revisão no romance nacional, como procederia? Quais os autores que deixaria passar incólumes?

— Quem sou eu para fazer uma revisão no romance nacional! Minhas faculdades críticas não chegam para tanto. Contento-me com admirar e com reprovar, sobretudo admirar. Releio com frequência Machado de Assis, Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo. Mas há outros autores brasileiros dignos de releitura e que qualquer revisão pouparia.

— O que é essencial para o artista, para a sua criação literária?

— Um pouco de talento, uma ponta de lápis e algumas folhas de papel. Tudo mais é supérfluo.

OITAVA MADRUGADA PRIMITIVA

PEDRO GERALDO

Realmente, talvez devamos
singrar as areias como
se fôsse um mar,
arrancando os passos
em busca do mar,
como se fôsse um rio.
Realmente, talvez tenhamos
que reestudar
as miragens,
ouvindo o clamor do sub-solo
imponente,
com suas cavernas de vida.
A hora do sol se pôr,
as noites de lua,
a chegada de um canto distante,
ou súbita chuva de granizo,
são coisas belas,
tanto como o teu gato,
teus gira-sóis enfileirados,
teu olhar distraído.
Mas temos que andar
o nosso andar de tragédias
para o mar,
como se fôsse um rio.
Não para o deslumbramento
fatídico de esquadras
submarinas,
mas para a conquista da tranqüilidade revogada
depois dos desembarques audaciosos
que mataram de rir
os velhos homens conquistados.
Realmente, talvez devamos
mergulhar nos mistérios
não vividos,
descer como em tócas
nos poços cavados
com interêsses minerais,
anotando-se em papyrus
para os olhos ainda microscópicos,
isso que nos leva a ver
no mar um rio
com nebulosas esperanças.

ÚLTIMA CANÇÃO DO TEMPO MENINO

MANOEL WALTER

As cinco pedras caíram
das mãos pequenas e brancas
o mesmo brilho de outróra
nas cinco pontas da estrêla

As mãos cresceram não jogam
outra vez cinco-maria;
a praça foi esquecida
os brinquedos arquivados
num recanto da memória

A mão que atirou pedradas
nas janelas dos vizinhos
a mão que fez mil carícias
no meu gato que roubava
meus momentos de ternura
Hoje é feia, tem pecados
são outras mãos não aquelas
do tempo em que fui menino

Depois a vida correndo
em seu cavalo de vidro

E a fada — que era madrinha
da menina que chorava
de tanto catar ervilha
Ratoeira é carroagem
tamanco virou sapato
um sapatinho de vidro
Cinderela foi ao baile
depois casou-se com príncipe

E a outra, Branca de Neve
Dança com sete anõezinhos
foge da bruxa madrasta
Ah! meus livros Ó histórias
que hoje não tem sentido

Vejo o Isqueiro Encantado
depois os Cisnes Selvagens

Lá vai a sereiazinha
meu primeiro amor na vida
e a vendedora de fósforos
que morreu ali na esquina
junto da minha cama
em cima da claraboia
mergulhada na retina
do menininho que sonha

Depois a vida correndo
Em seu cavalo de vidro

Era uma vez há muito tempo
Um lenhador muito pobre
pai de João mais Maria...
Entrou na perna do pinto
Saiu na perna do pato
quem quiser que conte quatro

As vezes me deito e lembro
do quarto da velha casa
Nenê estava sentada
E como sabia histórias
Não era gorda nem magra
e quando contava histórias
como se transfigurava!

Depois nos fomos de muda
Todos pra Minas Gerais
A infância é como gato
fica prêsa nas paredes
fica prêsa nos quintais
das casas por nos vividas
para nunca mais voltar

E a vida sempre a correr
em seu cavalo de vidro

das "Canções do Tempo Menino"

POEMA DA ANUNCIAÇÃO

MANOEL WALTER

Por que a noite me surpreende em pleno sol
e meus dedos crescem e invadem a cidade
E meus passos se fixam na terra
e florescem depois?

Por que mudaram o número das casas
e o nome das ruas
e insistem nesta música que não ouço?
Por que estou só rodeado de espectros
que se diluem nas sombras?
Por que este ruído subindo a parede
golpeando meu peito?

E esta aranha furando meu cérebro?
Por que este medo?
Por que sou tão ridículo?
Por que sou tão simples
Que nada compreendo?
Por que necessito tanto de silêncio
As vezes me pergunto
Então começo a rir e me estrangulo

dos "Poemas da Rua Mundo"

O G A L O

Luiz Carlos Maciel

O galo tem a cara torta,
a crista enregelada.
E ninguém teve o cuidado
de pintar-lhe o bico de azul.
Mas chame-o, meu amor, que êle vem:
a cara torta, feio e hostíl.
Êsses esporões e essa violência
são fruto da certeza da morte.
Mas acaricia-o que êle ficará
neutro e frio sob as tuas mãos. Acaricia-o!
Podes mesmo roçar o suave rosto
nas ásperas penas, encostar os lábios
nêste corpo quente e grave, lúcido.
Vês? Êle procura tornar-se sem alma
antes de chegar a sê-lo: é um bicho sério,
maduro, sem amor, na iminência da queda.
Não repares em mim, meu amor,
tonto de vida ao teu lado, antes repara-o:
sua solidão, sua calma, os olhos vazios
de quem se conhece. Conhecemo-nos tanto quanto êle
mas não temos sua audácia:
preferimos nos amar. Entretanto
guardo-o comigo, êsse sinistro passo
pelo meu apartamento, êsse canto sobressaltado
como as trombetas do final dos tempos.
E como te amo,
mostro-o a ti, obrigo-te a afaga-lo
e a conhecer suas verdades, suportar
a dureza terrível dêsse olhar.
Não faças êsse rosto espantado, meu amor,
quero apenas que adquiras
a noturna serenidade do galo
porque da justa visão, essa angúsia,
mesmo quando nos amamos,
não podemos fugir.

A M I G O V E L H O

Por Italo Peruffo

Conheço Guido Sassi de há muito tempo. Conheço sua personalidade literária não só através de contos, mas também através de longas palestras. Portanto, conheço o autor de *Amigo Velho* (livro recentemente editado) de antes da sua estréia nas letras com *Piá*.

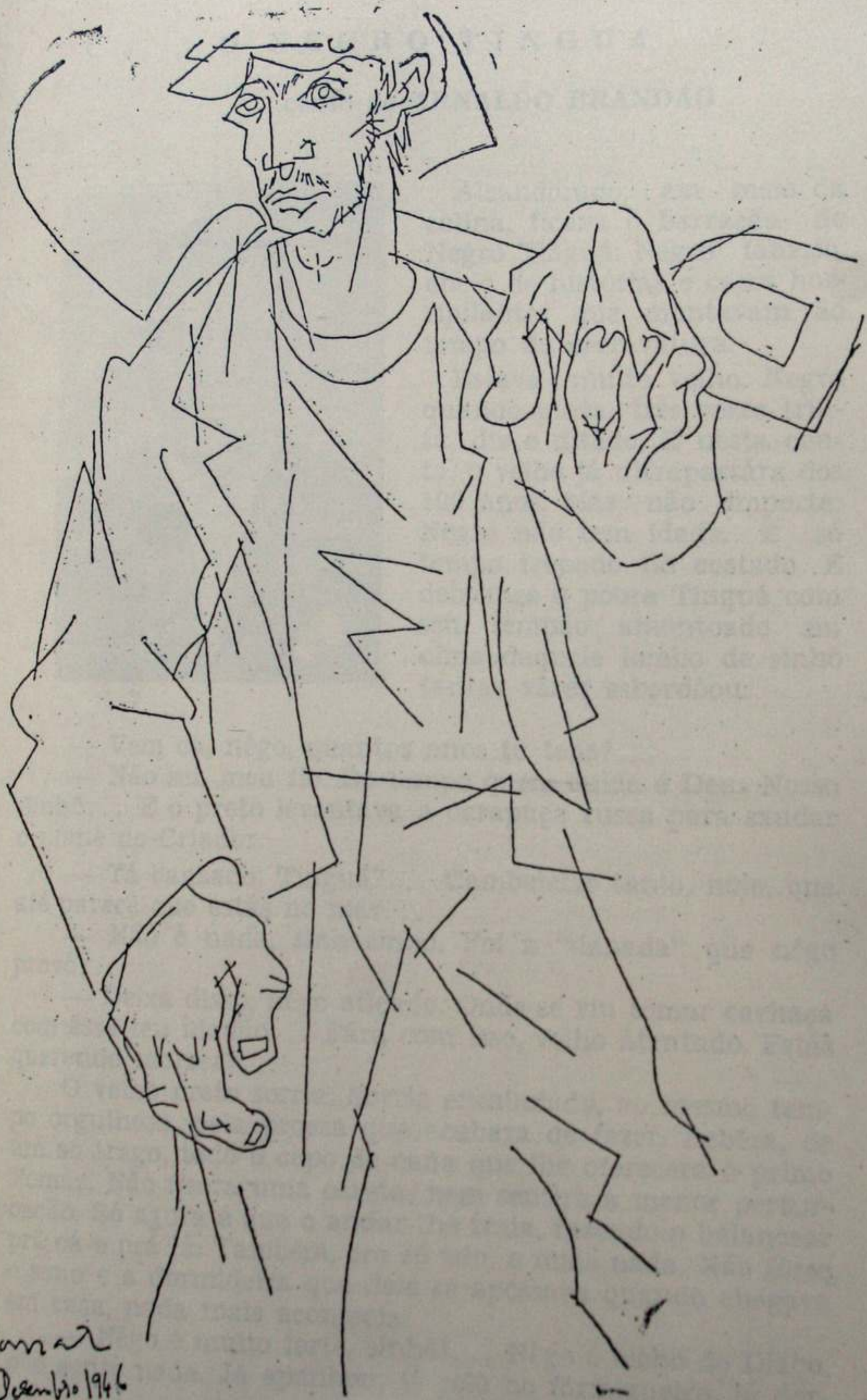
Quando *Piá* veio a lume, não me associei, por motivos de escrúpulos, aos elogios de outros amigos seus, fabricados com a preocupação de quem vai apresentar ao público um contista superado, isto é, a última palavra em conto. Segundo alguns, com *Piá*, Guido Sassi havia atingido o degrau máximo de sua carreira; depois de *Piá*, só a glória.

Sinto-me a vontade para dizer que Guido Sassi não necessita de elogios, que são muletas, para andar. Ele possui qualidades de escritor, que o podem levar longe, mas que ainda não se realizou, apenas começou a realizar-se. Guido Sassi em *Piá*, foi um estreante; em *Amigo Velho*, um autor, que dá o seu segundo passo. Em *Piá*, vi-o gatinhando; em *Amigo Velho*, vejo-o de pé, ensaiando os primeiros pulos. Em *Piá*, encontrei toda a beleza e o encanto do garoto que gatinha; em *Amigo Velho*, toda a beleza e o encanto do garoto que anda pela casa.

Guido Sassi penetrou na estrada dos que podem percorrer longos caminhos. Mas, mal partiu, não chegou ainda sequer na primeira encruzilhada. O fim de tarefa é alto demais para ser atingido com dois livros apenas. Ele é um manancial que recém entrou a desaguar.

Saúdo, no amigo, o contista. Se *Piá* teve defeitos, *Amigo Velho* também os tem, mas em menor escala; se *Piá* teve virtudes, *Amigo Velho* também os tem, e muito mais. Lendo *Amigo Velho*, sinto o escritor mais seguro de sua arte, o contista melhorado e amadurecido. Vejo em ambos os livros uma promessa em realização, nunca porém, um ápice, como alguns querem dar a entender.

Guido Sassi deve escrever sem olhar para trás. Produzir muito, até consumir-se como escritor. Os elogios reais vêm depois, com a glória, e só quando forem chamados a ocupar o lugar do autor.



Pomar
30 Dezembro 1946

"LAVRADOR" de Pomar

O NEGRO TINGUÁ

conto de ARNALDO BRANDÃO



Alcandorado, em meio da colina, ficava o barracão do Negro Tinguá. Negro famoso, cheio de histórias e casos horripilantes que montavam ao tempo da escravatura.

Estava muito velho. Negro quando pinta, três vezes trinta, diz o ditado. E nesta conta, o velho já ultrapassára dos 100 anos. Mas não importa. Negro não tem idade. É só tempo trepado no costado. E deixemos o pobre Tinguá com seu tempão amontoado em cima daquele lombo de sinhô tantas vêzes esbordôu.

— Vem cá, nêgo, quantos anos tu tens?...

— Não sei, meu fio. Do tempo quem cuida é Deus Nosso Sinhô... E o preto levantava a carapuça russa para saudar o nome do Criador.

— Tá cansado, Tinguá?... Cambaleias tanto, hoje, que até parece que estás no mar...

— Não é nada, sinhozinho. Foi a "danada" que nêgo provô...

— Deixa disso, nêgo atiçado. Onde se viu tomar cachaça com êsse teu idadão... Pára com isso, velho atentado. Estás querendo morrer?...

O velho preto sorria. Sorria encabulado, ao mesmo tempo orgulhoso, pela proeza que acabara de fazer. Bebêra, de um só trago, todo o copo de cana que lhe oferecera o primo Tomáz. Não fizera uma careta, nem sentira a menor perturbação. Só agora é que o andar lhe traía, fazendo-o balancear prá cá e prá lá. Também, era só isto, e mais nada. Não fôsse o sono e a dormideira que dele se apossava quando chegava em casa, nada mais acontecia.

— Nêgo é muito forte, sinhô!... Nêgo é bicho do Diabo, não sente nada. Já apanhou, já rolô no formigueiro, já dor-

miu no mato, pelado, em noite de cerração. já carregô brasa viva na parma da mão... Negro é... e lá se afastava o velho monologando frases confusas, ora tropeçando nas pedras, ora se apoiando nos muros, lá se ia o velho Tinguá...

Como chegava em casa, ninguém sabia. Morava só. Ninguém para esperá-lo, ninguém para lhe fazer a comida. Até mesmo a "Sa Crarinda" já se fôra, há muito, dormir lá no sopé do muro do cemitério, lugar para onde vai a gente que não tem dinheiro prá comprar um chão de terra e meter os ossos para descansar.

E, assim desaparecia o negro retinto, retinto como a sua vida de infeliz que até a morte parecia não querer por um fim...

Sabia-se que êle chegava no barraco, pela claridade de uma candeia que se escapava, de noite, pela janela. De dia, sabia-se pela fumaça da chaminé.

— Negro Tinguá ainda está vivo, dizia o moleque leiteiro quando amanhecia no portão.

— Como é que tu sabes? Perguntei-lhe da primeira vez.

— E, antão, pela fumaça que sai pela banda do telheiro. É o velho que já se acordou e tá fazendo o café...

Cada dia que passava, mais preocupação trazia para a cidade a existência do velho escravo. Não que fôsse por caridade, mas sim... por simples advinhação. Cada vez que o negro descia e tomava a sua carraspana, dia seguinte, era um tal de apostar que não tinha mais fim.

A fumaça seria o ponteiro que marcaria o dia da sorte. Ausência de fumo, de manhãzinha, era dinheiro vencido para uns. O negro havia morrido durante a noite, e, então, era só receber...

— Mas o negro é de ferro! Negro não morre assim, não sinhô. Onde se viu negro morrê só pros brancos ganhá dinheiro?... Hum!...

E o tempo foi passando. Negro Tinguá resistindo sempre, forte que nem peroba, rijo que nem pedra de rebôlo.

E o negócio ia cada vez mais se avolumando. O ferreiro fechou aposta alta com o padeiro. O padeiro casou quantia com o caixeiro e êste com o sacristão e o sacristão desviou dinheiro de missa para apostar com o padre. No fim de contas, para encurtar conversa, até o prefeito andava fazendo suas festinhas no gabinete da Prefeitura.

Enquanto isto, ia morrendo gente prá burro! Primeiro morreu o padre de ataque do coração. Depois foi o caixeiro da venda do seu Tomas que levou um tiro no pulmão. E a lava-

deira, d. Genoveva, que não foi porque Deus não quis, mas ainda rende, lá no fundo de uma cama, a sua asma e o pianço que ouve a três quarteirões de distância.

Mas o pedaço de preto velho, encarquilhado, que não é de carne, é de pau do mato, de tronco de jacarandá, não morre nunca. Já fêz mais de 100 anos, muito mais... A gente até sente preguiça de contar...

— Morre todo mundo, só o negro é que não quer morrer... Ô bicho ruim prá gostar da vida... Se aviciou com ela que nem com a cachaça... Num vai, nem há jeito de êle desaparecer... A gente reza prá Deus vir buscar êle, pois aquele negro até que já precisa morrer...

— Que é isso, D. Carlota? Pedindo pros outros morrer?... Deus me livre! Te arrenego capeta, nunca me venha com pensamento tal!...

Como falavam aquelas duas pretas! Como desejavam a morte do velho Tinguá. Uma, dizia-o francamente. A outra, não. Mas que ambas desejavam que o velho estirasse o esqueleto, desejavam! Já estavam dando prejuízos aquelas apostas. Da última vez, D. Carlota apostara perto de vinte mil réis. Ficou furiosa quando olhou, de manhã cedo, para o barraco e viu a chaminé coroada por um penachinho louro.

E todo mundo apostando, fazendo fôrça prá ver até onde aquêle cristão ia dar...

Pois olha que o negro foi tôda vida! Ainda toma sua caninha, ainda ascende a candeia que lança luz amarela pela janela e quando desperta prepara logo o café deixando que a fumaça leve sua mensagem de vitória ou derrota aos curiosos que diáriamente fiscalizam tão miserável vida que se desenrola no interior daquele misterioso barraco.

E a gente burra, lá em baixo, apostando, cruzando dinheiro a-toa, esperando o Tinguá morrer... Mas o Tinguá é negro dos mais pretos que Deus botou no mundo. É negro que viu a princesa Isabel. Falou com ela e beijou a mão do Nosso Senhor D. Pedro II. Onde se viu tão ilustre personagem morrer assim, só para dar satisfação a branco?...

Êle é de ébano e foi embarcado em Cabinda. Tem ôsso duro que nem ôsso de elefante. Cuidado, gurizada de hoje, que êsse preto nunca vai morrer...

O ESCRITOR E A CRISE DA HUMANIDADE

Por: AUGUSTO SYLVIO



Há uma palavra má, uma palavra maldosa de Paul Valéry: — “Escrevem mal os otimistas!” — Com isso êle mostra um estado de fastígio diante dos pensadores e formistas que partiam do ponto-de-vista do transformismo e da aptidão educativa dos homens, e que desde o século dezoito colocaram o pensamento do progresso no centro de seu sistema de pensar. Desde alguns decênios enfrentam-se em França os grandes apêlos humanísticos de Victor Hugo, e enfrentamos muitas vêzes com deboche. Léon Duadet (um dos fundadores da “Action Française)

chamava os pensamentos da época passada como sendo simplesmente do “estúpido século dezenove”.

Liam-se, então, com acendrado e peculiar gôsto as produções literárias sôbre o desprêzo humano e sôbre a misantropia, sôbre tôdas as teorias da besta dentro do homem e sôbre a vida noturna (“a sombra da vida”). A “Irmandade dos Pessimistas” (como a chamava Artur Koestler) tornava-se grande moda. Pessimistas do tipo de Koestler, Juengers, Sartre e Burnhaus são os mais bem adorados. Escrevem bem e atuam de maneira multifária. E não menos bem atuam através de seu desprêzo humano e seu delicioso ceticismo.

E, assim parece, não dispõem êles de fatos comprobatórios, comprometedores, suficientes às suas teorias? Não fizera bancarrota o Humanismo, derrotado por duas guerras mundiais consecutivas? Ou não fôra o “Humanismo”? Dever-se-ia, pois, empreender um terceiro Humanismo, com o renascimento de Erasmo ou do classicismo alemão, qual o propuzera há muitos anos, Werner Jaeger? Ou dever-se-á crer em Sartre, na sua asserção programática: — “Existencialismo é Humanismo”! Ou seria então possível, com êxito,

uma nova síntese na espécie do humanismo socialista? Já se pensou, em vão, acabar com expressões de "Humanidade" e "Humanismo" e "Humanização", tidas como "Campanhas bimbalhantes" com olhadéla irônica à doutrina "cristã" à lembrança de "Juliano, o Apóstata"...

Enfim, conseguiram os pessimistas refutar o Humanismo verdadeiro? André Gide proclamou, em Munique, certa vez, que "os poucos salvarão o mundo". Será um Lafcádio de seu livro quem nos salvará?

E Kafka, em torno de quem tanto barulho se fazia (e se faz) em França, na Alemanha, na Itália? Kafka vivia em eterna luta contra a enfermidade física e espiritual; não possuía (êle mesmo nô-lo confessa), o consôlo de um olhar crucifixo, e o manto judeu de oração "lho havia extraviado o vento"... Kafka viveu horrorizado à ação de um realismo mecânico, desumano, sem vida palpitante, mas simplesmente mecanizado de um coletivismo petrificado. Mas os sucesos de Kafka (seus adeptos) falsificaram-lhe a idéia: transformaram-lhe o horror sadio em luxúria do desumano e da desumanização. Adoram o mundo ímpio, sua confusão de burocratismo e de injustiças sociais, o mundo do "castelo", onde se acastelam em seus horrores mergulhados nas injustiças sociais.

Sartre é também a grande moda, pois fala muito em "liberdade". E liberdade (oh! quantos crimes...) — essa liberdade cada um a interpreta a seu bel prazer num ambiente sem ética nem estética. Essa pretensa filosofia da liberdade de Sartre é nada mais que um desconexo amontoado num mundo desmontado sem nexos. Denominava-a Carl Schmitt, há dois decênios ou mais, como o "decisionismo", a decisão do caminho a tomar na vida, qualquer um que fosse. Seus heróis são, quasi sempre, ou o causador do assassinio de um déspota ou um crime sem sentido, um crime "em si" puramente, motivado pela simples decisão de matar.

James Burnham, por sua vez, em seu retrato de uma sociedade composta de colossos super-poderosos e de burocráticos formidandos, desvenda um mundo de "manager's". Mostra-nos os efeitos abstratos de um mundo mecanizado, da burguesia em destruição. Tudo é teoria de desumanismo.

Que haveria a opôr-se a êsse estado de coisas? Boris Gorbátow citava as palavras de Gorki: — "Homo! oh'orgulhosa palavra!" — Poder-se-ia juntar-lhe a expressão de Brecht em "Galilei": — "Eu creio na Razão, isto é, eu creio no Homem!"

Nestas palavras há mais do que simples confissão de cre-

do. Provém da fonte primarcial e histórica, de que o homem se transformou radicalmente através do desenvolvimento histórico. Se nós vivemos hoje o nosso mundo apenas da perspectiva abstrata, sem continuidade histórica, sem as causas da desumanidade de hoje, então sim, resta-nos a figura humana de barbárie, de ingenuidade. Não nos esqueçamos, entretanto, da transubstanciação humana em suas causas. Diante dela perde seus horrores o inumano abstrato de Juenger, de Sartre e dos Epígonos de Kafka. Abre-se a restauração de um Humanismo libertador, esclarecedor, não no sentido de um são otimismo, mas como reconhecimento das verdadeiras e legítimas possibilidades do Homem feito à semelhança de Deus.

Em seu livro "UM FOLGUEDO DO POVO"—"O BUMBA MEU BOI", Edições Caetá — 1957 — Maceió, o escritor e folclorista Abelardo Duarte faz menção ao "BOI DE MAMÃO", variação catarinense do referido folguedo.

— x —

Depois de um ano em Florianópolis, regressou para os pagos, o escritor gaúcho Manoelito de Ornellas.

— x —

Por decreto governamental, ficou autorizada a construção do Palácio de Cultura, e nele deverá ficar modernamente instalada a Biblioteca Pública do Estado.

— x —

O Museu de Arte Moderna de Santa Catarina, vem últimamente passando por uma grande reforma.

— x —

A Comissão Catarinense do Folclore, mês passado lançou mais um número do seu boletim.

SERRAGEM

conto de GUIDO WILMAR SASSI

No comêço é apenas uma série de montículos, espalhados por alí. Depois outros aparecem. E crescem, também. E aumentam de número. E crescem outra vez. Daí é um monte só, acidentado nuns lugares, plano em outros, mais baixo aqui, elevado mais além. Mas é um monte só, um único. Fôfo, a princípio, muito fôfo. Depois vai adquirindo consistência, calcado que é pelos pés das gentes, rodas de veículos, cascos de animais e pelo bater contínuo do tempo. Torna-se firme. Não perde nunca, porém, aquêle som ôco, meio cavo. A côr lembra o côco ralado, sem a alvura dêste. Vai indo, vai indo, toma aquela aparência terrosa. Vem a chuva e empata tudo aquilo; depois o sol, tostando. E já é quase como se fôsse terra. Mas não é terra, percebe-se logo. Vai ser rocha, um dia, daquí a milhões e milhões de anos. Agora é serragem, apenas: partículas e partículas de pinheiro, acumulando-se ininterruptamente, alteando-se do solo, avolumando-se. A serra corta cem cessar, esfarinhando o tronco. Os tubos expellem o pó de madeira. Carrinho transportam-no. E o monte vai crescendo, sempre e sempre.

Aqui a serraria, mascando continuamente. Mais alí, a oficina de beneficiamento, despindo as táboas, deixando-as lisas e juncando o chão de fitas de maravilhas. Adiante, as fábricas de taco, de caixas, de assoalhos, de esquadrias, de forros de aduelas. Tudo serrando, noite e dia, sem parar. E então, acumulando-se, estendendo-se, alteando-se, as sobras, aquilo que ficou nos dentes das máquinas — a serragem. E a serragem avança, toma espaço, desce pela barranca do rio, chega ao fundo. Já é barranca, também agora, e se cobre de limo. Quando o rio cresce, lá se vai um pedaço, broqueado pelas águas, arrastado pela correnteza, de novo virando farelo. Mas é um já para recuperar tudo. As máquinas não param nunca. Nem elas nem os homens. E a serragem se regenera num instante. E continúa o seu avanço. Horizontal e verticalmente. Outra vez e sempre.

Quando é de mais, quando é de mais mesmo e já não existe lugar nenhum... então vem a queima. Então, durante alguns dias, rolos de fumaça sujam o céu. Mas a queima é só na superfície. O fogo não atinge o centro, o fundo. Por uns tempos, a extensão tôda é um carvão só. Logo mais, no entretanto, volta o branco encardido a cobrir tudo.

Depois, outra vez a côr de terra. Vai ser mesmo terra, um dia. Agora ainda não é. É serragem, apenas, e vai crescendo, crescendo.

Dias antes da procissão de Corpus Christi, as mulhres mandavam buscar sacos e mais sacos de serragem. Carretadas, mesmo. Pintam-na de várias côres e com ela enfeitam as ruas por onde vai passar o cortêjo. Dispõem-na em losangos, quadrados e triângulos, enfeitados com tampinhas de garrafas cobertas com papel dourado, flôres, conchinhas e desenhos feitos com alvaiade e pó de café servido. A procissão passa. As ruas são varridas. Outra vez chega o dia de Corpus Christi. Mais carretadas de serradura são pintadas e espalhadas pelas ruas. Mas a montanha não diminui nem um pouco. O que saiu foi mesmo que um arranhãozinho no corpo de um gigante — coisa de nada. E a serragem aumenta, continua aumentando.

Os filhos dos trabalhadores brincam sôbre a serragem. Aquilo é dêles. Mais ainda quase como se fôsse êles mesmos. Entremisturam-se. As crianças engolem o pó da madeira, sem querer ou voluntariamente. Fios de baba e ranho escorrem pelos seus queixos. Caem. A serragem absorve tudo. E também serve de privada. As crianças fazem buraquinho e escondem suas porcarias. Estas se dissolvem nas raspas de pinho e passam a fazer parte integrante do montão. Afinal, tudo é serragem.

À noite, o Fernando, o Mendes, o Pedro Nazatto e o Joaquim trazem para ali as negrinhas que encontram vagabundeando pelas ruas. As raparigas não têm luxos. E ali... a serragem é macia, macia...

—x—

Nem bem sôa o apito, anunciando o meio-dia, João Raizer larga a serra e, derreado, se atira no chão, atrás do depósito. Descansa, enquanto espera pela comida. Quem traz é a Jurema, filha do compadre Anastácio. A guría está crescendo. botando corpo, engrossando as pernas e avolumando o busto. João Raizer há tempos que a observa. Pensa em casar-se, mas pensa, também, na diferença de idades. Mas isso, parece, é coisa que não importa muito. Seu velho servia de pai para sua mãe. E foram felizes. Mas não é só isso que o deixa indeciso. É bom gozar de liberdade, e mulher não lhe falta, pois êle vai, com os outros, à caça das fêmeas fáceis. Mas aventurar assim não é muito bom. Um homem cansa de andar cor-

rendo atrás das mulheres, o que dá a noite. E há, também, o perigo de pegar doenças ruins. Melhor era ter uma mulher só dêle, alguém que lhe cuidasse da roupa e lha fizesse a comida. Alguém para repartir a sua vida, alguém de quem êle goste, e que goste dêle também. Já não é sem tempo. Completou quarenta anos há dois meses. Perdeu muito tempo, acha êle. Poderia ter um filho com quase quinze anos. A idade de Jurema, mais ou menos! Mas isso não tem importância nenhuma. Idade não conta no bem querer. Compadre Anastácio certamente vai ficar espantado com a pretensão dêle. Puxa! Jurema era ainda uma criança ranhenta e suja, quando fôra convidada para batizar o caçula. Mas o tempo andara. Era quase mulher, agora, bonita e... O Anastácio até ficaria contente em entregar-lhe a filha. Era só...

— Bom dia, seu João.

Raizer se abre num sorriso:

— Bom dia.

— A bóia hoje tá boa. Papai matou um leitão. Tem até sobremesa.

— Ah! O que é que aconteceu hoje por lá?

A menina está sem jeito. Esfrega o dedão do pé na serragem, esburacando-a, abaixa a cabeça, sem saber o que dizer, dominada pelo acanhamento. Depois se explica, num arranco:

— Eu faço anos hoje. A mãe fêz uma comida melhor. Papai mandou dizer prô senhor aparecer lá em casa, hoje de noite, pra tomar uma cerveja.

— Então... aceite meus parabéns...

Agora é o homem que não sabe o que dizer. Cata as palavras, aqui e ali, vasculhando o pensamento. Mas as palavras, achadas com dificuldades, se emperram atrás dos lábios sem conseguir atravessá-los. Após longa pausa, a cabeça baixa, as orelhas pegando fogo, êle consegue falar:

— Já tá ficando quente aqui. Vamos lá pra sombra que é melhor.

Jurema senta-se sôbre umas tábuas. João namora-lhe as pernas. O pensamento zonzo, as idéias se baralhando. Assunto nenhum. Êle não sabe como forçar uma aproximação, como dizer à garôta, que gosta dela; não sabe como lhe propôr casamento. O melhor era falar mesmo com o pai, diretamente, e estaria tudo acabado. O Anastácio concordaria e pronto, o problema estaria resolvido. Mas... e se ela não quisesse? Que nada! Mulher não tem querer. Mas assim não ficaria certo, não seria como êle desejava. Ficaria faltando qualquer coisa. Para dar certo, era preciso que os dois se

gostassem, que os dois estivessem de acôrdo. Então êle que se explicasse, ora se até agora não tinha dito nada, não dera nenhuma demonstração... Como a menina ia adivinhar que êle se interessava por ela? Se ficasse calado ela não descobriria nunca. Era falar, dizer-lhe tudo, propôr-lhe casamento. E logo, logo, antes que ela venha a se apaixonar por algum outro. Bem que ela estava dando margem para uma aproveitar aquêle assunto.

— Então você tá fazendo anos hoje! Eu vou lhe dar um vestido... — e — João empaca de novo, achando que o oferecimento ficou muito vago, incompleto, e acrescenta: — Um vestido de seda, prá quando você fôr nos bailes com o seu namorado.

— Ora, seu João. Deixe de bobagem. Eu não vou em baile e nem tenho namorado.

Não tem mesmo?

— Não tenho.

— Tão bonita e sem namorado. Isso não tá certo. Se você quisesse...

— Eu não, seu João. Não quero saber de namorado.

— Mas eu vou te dar um vestido. Você quer?

Não sei... se o senhor quiser me dar...

— De que côr você quer?

— Não sei... Acho que branco. Mas não carecia nada, seu João, não carecia.

— É de gosto, você sabe.

Raizer termina de comer, limpa os bigodes e vai até a torneira. Enche uma caneca de água, e bebe-a. Jurema pergunta:

— Tava boa a comida, seu João?

— Se tava.

— Do que o senhor mais gostou?

— Até não sei. De tudo.

— E não gostou dos bolinhos? Êsses fui eu que fiz.

— Ah! tava bom, muito gostoso.

— Então até-logo, seu João — diz Jurema, juntando o prato e os talheres. — Apareça lá em casa hoje de noite. Não esqueça. O pai disse prô senhor não faltar.

— Tá certo. Eu apareço.

Enquanto a menina se afastava, João deita-se novamente e ficava a observá-la. Mais alguns meses e estará moça duma vez, mulher por completo. Terá seus namorados, casará com um dêles. Êle precisa andar ligeiro, se não quiser perdê-la. Ê deixar de ser bôbo e falar com o Anastácio, ainda naquela

noite. A digestão lhe pesando no ânimo, êle boceja. Vira de lado, ajeita o braço sob a cabeça e fecha os olhos. Por uns instantes, a imagem de Jurema continua ainda m seu pensamento. Depois, só o sono. Mesmo dormindo, ó homem não pára de suar, e as gôtas de suor escorrem pelo seu rosto e caem sôbre a serradura. Esta as absorve, imediatamente, como absorve tudo.

Treze horas e trinta minutos. O apito se faz ouvir, estri-dente. João Raizer se levanta, limpa o rosto e os braços das partículas que a êles se agarraram e encaminha-se para o trabalho. De novo as serras se põem a mascar. As toras se vão desfazendo em tábuas e pranchas. E a serragem cai, cai...

E o montão aumenta sempre, sem cessar. Quando na cidade aparece um circo, então mais alguns sacos são carregados para forrar a arena. Mas isso é o mesmo que nada, não consegue diminuir o montão, nem um pouco. Também não o diminuem as famílias pobres que fossem nas suas entranhas, catando as maravalhas maiores, buscando algum sarrafo perdido, uns restos de táboa, serragem mesmo — tudo o que possa servir para alimentar o fogo. Nada consegue diminuir o montão de serradura, nada.

A noite, para espantar o sono, o vigia trabalha. Uma pásada atrás da outra, vai enchendo o carrinho de mão. Um agora, outro depois, a noite inteira. Limpa, durante a noite, a serragem que se acumulou nas oficinas e carrega-a para o montão, lá fora. No dia seguinte, o amarelo da terra está sujo de montículos brancos que o vigia carregou durante a noite. Só por uns tempos, contudo, é que se nota a serragem nova a sobressair da velha. Logo mais tudo se nivela, tudo, tudo se iguala. O montão aborve tudo. E' assim com o suor, com a urina, com os excrementos, com o esperma — tudo se some no montão de farelo, funde-se com êle torna-se uma coisa só, uma única: serragem.

— x —

De repente... — cansaço, distração, destino, qualquer coisa assim — João Raizer soltou um berro que suplantou o barulho das máquinas, o bater das tábuas e o vozeiro dos homens. Enlouquecido pela dor, êle saiu aos tombalhões, sem rumo, gritando sempre. Atravessou, sem sentir, a oficina inteira, e precipitou-se pela porta, caindo sôbre a serragem. E lá ficou, retorcendo-se e gemendo. O sangue, em esguichos, empapava as rapas de madeira.

Alarme. As máquinas páram. Os homens correm. Perguntas assustadoras nos rostos suados. Gente se batendo, in-

dagando o que acontecera. Ajuntamento. Rolando no pó, o ferido esperneia e brame. Escoiceia e bate em quem tenta aproximar-se dêle. Só a fôrça de cinco homens consegue subjugar-lo. O gerente anda para cá e para lá, desnorteado, sem saber o que fazer. Aproxima-se de Raizer:

— Calma, João! Calma!

— É preciso estancar o sangue, se não o homem morre se esvaindo.

Alguém tráz um pedaço de estôpa suja de óleo. Enrolam o braço de Raizer. O sangue continua a escorrer, a pingar. João, agora mais calmo, só geme baixinho, As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e gotejam junto com o sangue. Este se vai infiltrando na serragem, formando uma pôça que se alarga e se alastra.

O gerente sai da pasmaceira:

— Genésio, apronte a camioneta.

João, muito pálido, deixa-se conduzir dõcilmente, gemendo sempre. O gerente manda que o Néco e o Antenor acompanhem-no ao hospital. Januário vai também, mesmo sem ser mandado. Com aquilo, com o atarantamento do gerente, poderá folgar um pouco e aproveitar para tomar um trago na cidade. Sempre são uns momentos que se roubam ao trabalho. Lá êle é trouxa de perder a oportunidade?

— Toque depressa, Genésio — manda o gerente. — Eu vou telefonar avisando o médico.

— Botem o braço dêle pra fora — grita Genésio para os homens que acompanham João. A camioneta vai ficar perdida de tanto sangue. Botem o braço dêle para fora.

Lá se vai o veículo. Braço para fóra, gemendo João Raizer vai sujando a estrada com salpicos de sangue. Os homens olham a camioneta sumir-se na distância. Depois formam um círculo em redor da sangueira e comentam:

— Um corte feio. Atingiu o osso.

— Essa serra é perigosa. Deus me livre de trabalhar com ela.

— Deve doer muito. É de um camarada ficar louco.

— Isto foi descuido.

— Que nada! Não adianta cuidar. Essas coisas acontecem.

Vai daí, o gerente se lembra da sua autoridade, e então grita:

— Trabalhar, pessoal! Trabalhar, pessoal!

Os homens se dirigem para as máquinas. Vontade nenhuma, é claro. Os ruídos recomeçam. Menezes, colocado no

lugar de Raizer, esconde o medo e o nervosismo atrás das fanfarronadas. A oficina retoma o seu ritmo normal, e de novo o farelo começa a cair, a aumentar.

— x —

No outro dia, a poça de sangue já mudou de côr. Torna-se de um prêto ferrugento e principia a secar. As varejeiras revoluteiam por ali. No Hospital, João Raizer é um gráfico de fébre. Vão-se os dias. A fébre aumenta. Declara-se a gangrena. A seguir, João Raizer deixa de ser uma papeleta onde um ponto azul sob e desce, marcando os gráus; deixa também de ser uma ficha na secretaria do hospital. No momento é um volume, lá no necrotério, envolto num lençol. Dentro em pouco vai ser um tanger de sinos, um número no livro de óbitos, uma lembrança, talvez. No monte de serragem continua ser uma nódoa escura que se esfarela aos poucos. E o prêto de sangue contrasta com o amarelo terroso. Só por uns tempos. Contudo. Serragem nova cairá sôbre a antiga. O sangue será também obsorvido, como tudo o mais, e tudo será como era antes: serragem, só a serragem, serragem, aumentando sempre.

O nosso conterrâneo embaixador Dr. Edmundo da Luz Pinto, espera trazer para Florianópolis o quadro "Moema" de Vitor Meireles, que se encontra no Museu de Arte de São Paulo.

— x —

No ano passado foi impresso e distribuído pela Imprensa Oficial do Estado o caderno "Djalma da Costa Moellmann", de autoria da Sra. Beatriz Moellmann Ferro. Num delicado estudo biográfico, a autora relembra as primeiras passagens da vida do seu saudoso tio Dr. Djalma Moellmann.

— x —

As Edições Melhoramentos, lançarão, dentro em breve uma nova edição, em onze tomos, das obras de Afonso E. de Taunay, o grande historiador catarinense, recentemente falecido, classificado entre os "10 maiores historiadores do mundo", pela Associação Americana de Chicago.



"RENDEIRAS" de Willy Zumblick

A ARTE CRISTÃ PRIMITIVA

DURA EUROPOS E AS ORIGENS DA ARTE CRISTÃ

Manoelto de Ornellas.

A descoberta da Sinagoga de "Dura Europos", na antiga cidade de Salihyé, situada na fronteira do Eufrates, trouxe novos elementos ao estudo das origens da Arte Cristã, especialmente no que se refere à iconografia.

Foi descoberta por James Breasted, grande orientalista de Chicago, diretor do "Oriental Institute", que pouco tempo se demorou nas perigosas regiões situadas entre o Irak e a Assiria. Breasted pôde, no entanto, examinar e fotografar, em côres, um santuário consagrado à trindade pagã de Palmira. E dessas magníficas reproduções, que tão alto serviço prestam ao estudo da arte cristã primitiva, teve razão Pijoan de destacar o grupo de sacerdotes que praticam a liturgia do fogo, usando de pátenas com fôlhas de louro, corôas simbólicas e laminas sagradas destinadas ao corte do pão. Os sacerdotes e seus acólicos estão vestidos de branco, com t!nicas de linho e as cabeças cobertas de tiaras, de forma conica.

Em seu notável trabalho, a que deu o sugestivo título de "Precusores dos retratistas bizantinos", Breasted não revelou ao mundo apenas uma desconhecida província da arte oriental primitiva, mas, sobretudo, a ausencia, nessa iconografia, de qualquer influência ocidental, pois tôdas as figuras que ilustram os painéis são caracteristicamente levantinas. Dura Europos foi, mais tarde, explorada por Franz Cumont e seus discípulos, que descobriram um novo afresco, tão notável quanto aos que Breasted reproduziu, com uma diferença, apenas: o de Cumont se nos apresenta es estilo mais sucinto e de figuras mais rudes, mais arcaicas.

Simultaneamente com as escavações de Dura Europos, a Escola de Estudos Bíblicos da Palestina, e sobretudo a Universidade Hebraica de Jerusalem, rasgaram a crosta da terra mencionada no Velho e Novo Testamento, pondo à evidência da curiosidade universal diversas ruínas de Sinagogas dos primeiros séculos da nossa Era. Dentre essas, duas sobretudo despertam o nosso respeito e a nossa profunda emoção: a de Chorazin e a de Cafarnaum, às orlas do Mar de Tiberiades, onde Jesus predicou a seu povo a palavra da redenção humana.

As escavações da Palestina e Transjordânia, restituindo à luz do sol as ruínas dessas velhíssimas Sinagogas, tão antigas ou mais antigas que as primeiras igrejas cristãs, revelaram, antes de tudo, um íntimo parentesco de estrutura e de forma entre ambas — o que nos leva a pensar que a Igreja Primitiva continuou a utilizar, para a reunião dos cristãos, separados já da comunidade israelita, o mesmo tipo de local destinado às assembléias mosaicas.

Pi Joan admite essa hipótese e lembra que a Sinagoga não é um Templo, pois a própria palavra, em grego, significa local de reunião.

A arte de diversos elementos escultóricos encontrados nas Sinagogas da Palestina e Transjordânia, decorados de símbolos, de emblemas e estilizações de fôlhas do acanto do deserto, destacam-se os candelabros de sete braços, a que os israelitas denominam de "menorah".

E não era tão pobre, como até agora se pensou, o repertório judeu de imagens sagradas ou semi-sagradas, embora a vigência da proibição mosaica.

As esculturas eram de tipo helenístico, mas com acentuado e permanente caráter judaico.

Tôdas as Sinagogas da Palestina e da Transjordânia guardavam, em pavimentos especiais, belíssimos mosaicos historiados, como o célebre plafond central de BETH ALFA, no vale de ESDRELON, que reproduz o armário de TORAH, chamado ARON-HO-KADESH, rodeado pelos leões de Judá, e ornamentando de candelabros ou "menorahs".

A segunda parte do mosaico de Beth Alfa, fixa motivos profanos e a terceira, reproduz o Sacrifício de Abraão. Poder-se-á afirmar que o mosaico de Beth Alfa não constitua exceção e muito menos implique numa transgressão da lei mosaica, quanto à representação das figuras vivas, pois na Sinagoga palestiana de Naaran, encontrou-se um painel que é sem dúvida, a réplica do primeiro. E na Sinagoga de GERASH existiu outro mural representando o embarque dos animais na Arca de Noé. E, prova mais eloquente, a confirmar em palavras o que as imagens hesitavam, foi o achado de Epstein, em Leningrado, de um fragmento do TALMUD de Jerusalém, com uma simples linha que escapou à argúcia dos tradutores e copistas: "Nos dias do Rabino Abun começou-se a historiar os mosaicos e ninguém a isso se opôs".

A referência data de 325, que foi o limite de vida do Rabino. A liberalidade favorecia a Sinagoga da Palestina, onde a proibição deveria ser, sem dúvida, mais rigorosa. Quanto

aos afrescos de DURA EUROPOS, êsses, antecederam, e em muito tempo, aos mencionados pelo Rabino Abun.

O tipo dos mosaicos da Palestina é profundamente característico, pois os judeus, suscetíveis de extrema abstração, estilizaram as formas naturais. Alguns dêsses motivos aparecem nas catacumbas judaicas da própria Roma. E não seria difícil reconhecer o célebre *plafond* de BETH ALFA, no arcosólio decorado da vinha RONDANINI, de Roma.

DURA EUROPOS foi destruída no ano 256 da Era Cristã, mas, nos escombros, emersos à superfície do solo pela abnegação e devotamento dos arqueólogos desta primeira metade do século XX, descobriu-se uma inscrição em arameu, que diz: "Esta casa foi construída no ano 565 da era SELEUCIDA", o que corresponde ao ano 244 depois de Cristo.

Essa pequena inscrição constitui a prova insofismável de que a SINAGOGA de DURA EUROPOS é anterior à maior parte dos monumentos cristãos decorados e, seus afrescos, mais antigos que os próprios afrescos das catacumbas romanas.

A discussão escolástica levar-nos-ia a pensar, como PI-JOAN, no absurdo ou ilogismo de supor que o repertório catacumbário de Roma houvesse chegado às fronteiras do Eufrates, para exercer sua influência na iconografia oriental, quando é hoje assunto pacífico na história, e fartamente documentado, o da imigração de artistas orientais para Roma.

A SINAGOGA DE DURA EUROPOS é uma sala de 13 metros de comprimento por sete de largura, com um pátio interior que a segrega da rua. Na parede oriental, encontra-se um nicho que deveria conter o ARON-HO-KADESH, isto é o armário que guardava os rolos com os textos da Lei.

As paredes estão recobertas de afrescos com cenas do PENTATEUCO, seguidas de outras, como a do Sacrifício de Abraão, onde se vê a mão de Jeová intervindo na oferta do Cordeiro. Outra, de Moisés e a Sarça Ardente, onde o Profeta ouve atentamente a palavra de Deus. Apesar da pobreza artística de quase todos os afrescos de DURA EUROPOS, esta figura de Moisés, de imponente majestade, ressalta, como antecipação, no tempo, nos moldes das grandes faturas do Renascimento.

As imagens de DURA EUROPOS são legítimas precursoras daquêles soberbos Profetas da Capela Sixtina, remotos e precários antepassados das incomparáveis figuras de EZEQUIEL, de ISAIAS e JEREMIAS que o gênio de Miguel Angelo deixou no Vaticano, quinze séculos mais tarde.

aos afrescos de DURA EUROPOS, êsses, antecederam, e em muito tempo, aos mencionados pelo Rabino Abun.

O tipo dos mosaicos da Palestina é profundamente característico, pois os judeus, suscetíveis de extrema abstração, estilizaram as formas naturais. Alguns dêsses motivos aparecem nas catacumbas judaicas da própria Roma. E não seria difícil reconhecer o célebre plafond de BETH ALFA, no arcosólio decorado da vinha RONDANINI, de Roma.

DURA EUROPOS foi destruída no ano 256 da Éra Cristã, mas, nos escombros, emersos à superfície do solo pela abnegação e devotamento dos arqueólogos desta primeira metade do século XX, descobriu-se uma inscrição em arameu, que diz: "Esta casa foi construída no ano 565 da éra SELEUCIDA", o que corresponde ao ano 244 depois de Cristo.

Essa pequena inscrição constitui a prova insofismável de que a SINAGOGA de DURA EUROPOS é anterior à maior parte dos monumentos cristãos decorados e, seus afrescos, mais antigos que os próprios afrescos das catacumbas romanas.

A discussão escolástica levar-nos-ia a pensar, como PI-JOAN, no absurdo ou ilogismo de supor que o repertório catacumbário de Roma houvesse chegado às fronteiras do Eufrates, para exercer sua influência na iconografia oriental, quando é hoje assunto pacífico na história, e fartamente documentado, o da imigração de artistas orientais para Roma.

A SINAGOGA DE DURA EUROPOS é uma sala de 13 metros de comprimento por sete de largura, com um pátio interior que a segrega da rua. Na parede oriental, encontra-se um nicho que deveria conter o ARON-HO-KADESH, isto é o armário que guardava os rolos com os textos da Lei.

As paredes estão recobertas de afrescos com cenas do PENTATEUCO, seguidas de outras, como a do Sacrifício de Abraão, onde se vê a mão de Jeová intervindo na oferta do Cordeiro. Outra, de Moisés e a Sarça Ardente, onde o Profeta ouve atentamente a palavra de Deus. Apesar da pobreza artística de quase todos os afrescos de DURA EUROPOS, esta figura de Moisés, de imponente majestade, ressalta, como antecipação, no tempo, nos moldes das grandes faturas do Renascimento.

As imagens de DURA EUROPOS são legítimas precursoras daquêles soberbos Profetas da Capela Sixtina, remotos e precários antepassados das incomparáveis figuras de EZEQUIEL, de ISAIAS e JEREMIAS que o gênio de Miguel Angelo deixou no Vaticano, quinze séculos mais tarde.

Após a revelação surpreendente da SINAGOGA de DURA EUROPOS, construída e pintada no ano 244 da nossa Era, a missão da Universidade de Yale descobriu ali uma CAPELA CRISTÃ, construída e pintada no ano 256, época do último assédio guerreiro que destruiu e despovoou a cidade.

Os afrescos da CAPELA CRISTÃ de DURA EUROPOS, trasladada e reconstruída no Museu da Universidade de Yale, são pois anteriores a muitos dos afrescos das catacumbas romanas e constituem uma das provas eloquentes da origem mesopotâmica do repertório de imagens de que se utilizaram os primitivos cristãos do OCIDENTE.

Os modestos afrescos de DURO EUROPOS são as mais antigas representações evangélicas bem datadas. É possível que algumas pinturas das catacumbas romanas sejam do segundo século, mas ninguém poderá identificar o período em que surgiram com a exatidão histórica com que se assevera a data de DURA EUROPOS.

A Igreja Mesopotâmica dispunha então, da representação das cenas bíblicas de Adão, e Eva, do BOM PASTOR, do PARALITICO CARREGANDO A CAMA, do MILAGRE DO LAGO DE TIBERIADES, das SANTAS MULHERES DIANTE DO SEPULCRO e de tantas outras que iremos encontrar, mais tarde, nas catacumbas romanas.

Posteriores à publicação da famosa "História da Arte em todos os tempos e povos", de Kart Woermann, as revelações de Breasted e Cumont, não prejudicaram, na parte fundamental as conclusões do esteta alemão. Para Woermann, a arte cristã primitiva de Roma tinha suas raízes no Oriente, com o que concordou Ainalow e Strzygowski. O historiador do Norte é, porém, categórico quando afirma que a arte cristã primitiva, limitada nos primeiros séculos exclusivamente aos sepulcros, nasceu no solo de Alexandria, onde, de há muito, se associavam as idéias helênicas e judaicas. Dessas tendências cada vez mais asiáticas, procede, para Woermann, a arte bizantina, a partir no ano 330 em que Constantino transferiu a capital do império para Bizancio.

Woermann defende o ponto de vista contrário ao daqueles que denominou de "romanófilos", argumentando que o cristianismo nasceu no Oriente sírio-palestínico, mais além da fronteira do helenismo, de onde se expandiu com rapidez. E conclui: era grega a língua em que estava escrito o Novo Testamento, grega a linguagem primitiva da Igreja e em grego estavam redatadas as numerosas inscrições das catacumbas cristãs.

Sem pretender avançar demasiadamente quanto às conclusões da crítica moderna, convém fixar, desde já, a divisão explicada por Antoine Bon, o ilustre Professor da Faculdade de Letras de Montpellier, do Império Romano, em duas inconfundíveis parcelas políticas: a do Oriente e a do Ocidente. As condições históricas, tradições e temperamentos das raças de ambas as regiões, provocaram também dois tipos de arte que em muitas coisas se separam: a **Arte Bizantina**, originária daquela faixa de terra onde a Europa e a Ásia se encontram e que substitui, sem solução de continuidade, a **Arte Antiga**; e a **Arte Ocidental** como uma nova concepção que provocaria mais tarde, o surgimento de um novo espírito, livre da servidão pois no Oriente, em Bizancio, a fusão da Igreja com o poder Imperial condicionava a Arte às exigências oficiais e, no Ocidente, em Roma, a luta quase constante da Igreja com os Imperadores e Principes, emprestava à arte aqueles rasgos de individualismo que a tornou independente. Daí um certo luxo na arte decorativa de Bizancio, que encontra suas origens na Ásia próxima como argumenta Woermann, e uma certa pobreza na arte decorativa romana, que encontra seu berço na sobriedade dos afrescos mesopotâmicos de Dura Europos, segundo as notáveis revelações de Breasted.

“JOÃO MARIA” — Uma interpretação da Campanha do Contestado, do historiador Oswaldo Cabral, deverá ser editada pela conhecida série Brasileira. Com mais esta obra, eleva-se para três o número de livros catarinenses editados por esta coleção.

— x —

A antologia organizada por Anton Angelo Chiochio e editada em Roma o título “Poesia Post-Modernista in Brasile”, transcreve dois trabalhos do poeta catarinense **MARCOS KONDER REIS**.



"BOI DE MAMÃO" de Mayer Filho

SANTA CATARINA

Por BRASIL GERSON

MONTEVIDÉU e Pôrto Alegre já ficaram para trás. Abrem-se buracos nas nuvens e lá em baixo é a floresta imensa, aqui e ali semeada de isoladas manchas de civilização. Como está ainda êste Brasil deserto, e a dois passos do litoral, quatro séculos e tanto depois do seu descobrimento...

Adiante muda a paisagem de aspecto e qualquer coisa continua que não tem ainda forma definida nem côr exata. Avança o avião da Varig e vê-se agora que são as ondas do mar batendo na praia. Catarinense há tanto tempo, vou ver afinal o que ainda não tinha visto do meu Estado: as suas terras sulinas, Florianópolis e suas redondezas e o fabuloso vale do Itajaí, êste grande "béguin" do diretor dos "Diários Associados".

— E aquela cidade que se estende à beira da baía redonda e quieta?

— E' Laguna com seu porto onde, há 109 anos, nasceu o amor de Anita e Giuseppe Garibaldi, heróis os dois da liberdade em dois mundos, na guerra republicana dos farroupilhas, na guerra grande dos uruguaiois contra a tirania de Rosas, na guerra pela libertação e a unificação da Itália... Em 1949, a 4 de agosto, foi o centenário da sua morte, nascida que foi mais para cá dêste lado, na cidade de Tubarão, que do avião não se vê...

Passa Laguna e já é Imbituba, o porto do carvão, construído por Henrique Lage, um porto, como dizem os marinheiros, "contra vento e maré", em contacto direto com as ondas atlânticas. Para dentro, no caminho da serra, estão as minas de Cresciuma e mais para baixo, para os lados do Rio Grande, as de Araranguá. E' uma região carbonífera de mistura com nucleos de colonização italiana, de bons vinhos e lavoura ótima, tudo em contraste com a vida parada, da mais que secular Laguna, com seu ar de cidade velha que ficou de braços cruzados no tempo... E é isto o mais curioso, o mais característico de Santa Catarina, essa sua diversidade tão grande de vidas dentro das mesmas fronteiras. A zona serrana, com Lages ao centro, parece um prolongamento do Rio Grande, com os seus rebanhos e os seus vaqueiros — economia, portanto envelhecida para os dias de hoje, baseada que é na pecuária extensiva, no latifúndio. Irmã da serra, nêste particular é quase todo o litoral, exceção de Itajaí, porta

de entrada do vale fecundíssimo. O litoral é a estagnação sem que haja, contudo, latifundio para explicá-la. Ao fundo, no vasto planalto, no vale do rio Caçador e do rio do Peixe, cortado pela E. F. São Paulo-Rio Grande, está a indústria madeireira a ervateira, estão os laticínios, as fábricas de linguiça e banha — é toda a intensa agitação da pequena propriedade expandindo-se, numa amalgama com frequência estranha de caipiras, italianos, polacos e alemães. Poderíamos dizer desses dois vales vizinhos que eles constituem uma repetição do maravilhoso fenômeno do Itajaí, com Joinvile como seu desdobramento, floresta virgem há pouco mais de meio século, hoje convertida, e graças também à exploração habilíssima e moderna por gente ativa da terra dividida e trabalhada por seus próprios donos, que foi como nasceu a grandeza ianque, na mais bela e impressionante paisagem humana capaz de imaginar-se — e paisagem humana, essa é a palavra porque para fixar-se na natureza esplêndida e valorizá-la o progresso dinâmico, às vezes de aparência tão grosseira, não precisou violentá-la, dando-lhe essa feição de coisa cinzenta e disforme dos grandes centros industriais...

— x —

Florianópolis — não há quem não saiba — está numa ilha, a ilha de Santa Catarina, chamada Yjurimirim (pequena Bôca de Agua) no tempo passado dos índios carijós. Provavelmente o primeiro navegador estrangeiro que a visitou foi o francês Binot Paulmier, em 1503, seguido, anos mais tarde dos espanhóis Solis, o descobridor do Rio da Prata, e Diogo Garcia e Sebastião Caboto, o primeiro em 1515 os outros em 1525. Sua história, embora ficasse ela nos domínios da corôa portuguesa, teve pois um começo espanhol. Da expedição de Solis se havia desgarrado uma nau na tormenta, e caminhando pela costa, e desde Maldonado, vieram seus dois sobreviventes ali fixar-se, tão bela e acolhedora acharam a ilha e tudo quanto a circundava. Encontrou-os Caboto, "o ambicioso", rodeados de índios e foi conversando com eles que mudou de rumo na sua viagem desobedecendo as ordens reais. Sua missão era repetir a façanha de Magalhães, na exploração de um novo caminho para as Índias, mais tais notícias ouviu sobre riquezas de ouro e prata nas novas colônias espanholas do sul, que por sua conta partiu também ao encontro delas, subindo o rio descoberto por Solis e além dele o Alto Paraná, dele forçando Diogo Garcia a retirar-se.

E por isso morreu num calabouço. Eles, êsses três, não foram os únicos. no entanto, das armadas de Castela a visitá-la, porque foi nela em 1490, que desembarcou Cabeza de Vaca para abrir picada, por montes e matas, até o Paraguai, e depois dêle os que nela, mandados pelo rei, se instalaram para as lutas contra os portugueses que insistiam e minstar-se no Prata e burlar o monopólio platense de comércio dos madrilhenhos.

— x —

A colonização portuguesa começou muito mais tarde, no século 17, com o trágico Dias Velho, protagonista da mais triste das histórias que nos séculos idos na ilha aconteceram. Onde hoje é a cathedral era então a capela por êle construída nos dias da fundação. E conta-se — coisas próprias da época aliás — que arribando um navio de holandeses carregado de prata, dela se apoderou êle sem lhe dar, em troca, nenhuma ajuda. Voltaram êles, porém dispostos a mais cruel vingança.

E amarrando-o a um tronco, serviram-se diante dêle das suas filhas afinal mortas também. . . E por dezenas de anos o que se seguiu foi a decadência do povoado até que em 1726 veio o ouvidor Lanhes Peixoto e lhe deu novo impulso criando a vila que é hoje a cidade tranquila e pitoresca de Florianópolis, sem mais dessas tragédias ligadas ao mar e aos flibusteiros na sua vida, e esquecida já dos lamentos dos fuzilados da revolta da Armada em 93. . .

— x —

Florianópolis, é para uma descrição de poetas, com êsse seu feitio antigo, com êsse seu aspecto de Brasil do século 19 metido, com mudanças quase, nas linhas novas e desconjuntadas do Brasil do século 20, sintetizado sobretudo pelo Rio, por São Paulo, por Pôrto Alegre ou Curitiba. Porque a verdade é que ela fica bem assim na paisagem que a envolve, uma paisagem de sonho já noticiada para o mundo, há mais de um século, por tantos viajantes estrangeiros, Mawe, Langsdorff, Choris, Duperrey e Denis, entre outros.

“Santa Catarina (a ilha com o litoral defronte) é um dos mais deliciosos sítios da terra” — dela havia escrito no tempo da guerra farroupilha Fernando Denis na França. “E tal é a salubridade do ar que os mais concenciosos observadores reputam êste país como lugar essencialmente próprio para

restabelecer a saúde dos navegantes por uma longa viagem fatigados” — acrescentava êle, falando das suas praias e enseadas, montanhas e flôres, e dos seus pescadores e das suas borboletas, “as mais lindas” que Langsdorff tinha conseguido agarrar, algumas até que exalavam um doce cheiro do almiscar nos seus harmoniosos vôos...

Estivesse no Uruguai, na Argentina ou na Suiça, e teria sido transformada numa das cidades de turismo mais notáveis do mundo. No Brasil acabou ficando o que é, uma pobre e esquecida capital de um Estado que economicamente é já, no entanto principais do país, só tendo à frente dêle São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas e o Distrito Federal.

Já não entram mais os vapores, exceto os pequeníssimos, pelos canais que conduzam ao seu pôrto. Foram êles fechados pelo descuido dos govêrnos, e o ancoradouro é agora nos Ratonos, de onde mal se vê à distância, a Ponte Hercílio Luz ligando a cidade ao continente. Grande ponte, sem dúvida, na sua impressionante armação metálica, mas triste exemplo também do descaso dos homens públicos pelos interesses do povo. Porque, ao atravessá-la de onibus rumo norte, em busca de Joinville e São Francisco, a impressão que se tem é de que depois dela construída a administração pública dissolveu-se, tão esburacadas são as estradas que através dela e da sua imponência atingimos, estradas de miseráveis pontilhões de madeira...

Chego a São Francisco, entre mar e montanhas, no momento em que se comemora o centenário da sua elevação à cidade, porque vila já era e há séculos. Uma hora antes havia passado por Joinville, fundada por colonos alemães em 1861. Eis aí, separadas por tão pequena distância, não propriamente duas cidades, mas dois sistemas de vida, duas modalidades diferentíssimas de economia: o moderno fenômeno do vale do Itajaí contrastando com o fenômeno quase geral do Brasil que por aí vai crescendo tão devagar, ainda sob a influência do patriarcalismo, do feudalismo, dos seus primeiros séculos de colonização. Uma hora de automóvel apenas e dois mundos antagônicos: o que veio das casas grandes e das senzalas e o que, nascendo depois, mais depressa marchou para a frente, talvez porque nele não fôsse necessária a contradição da senzala e da casa grande para que êle nascesse e crescesse...

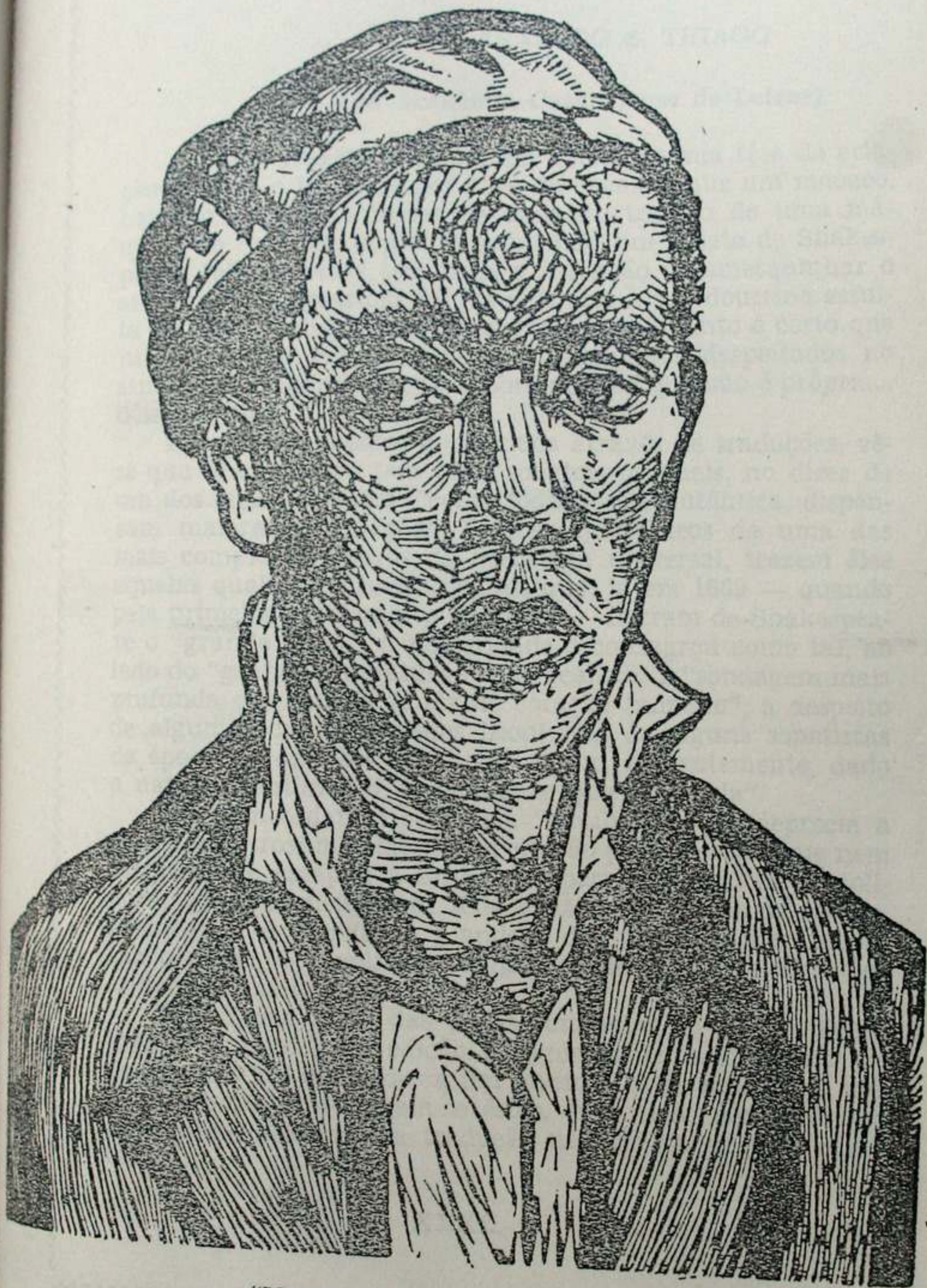
A falta de estradas de ferro corrente ao longo do litoral deu impulso ao transporte rodoviário. A “Catarinense”, embora sejam velhos os seus onibus e máus os caminhos, já é

uma empresa interestadual, que se expande para o Rio Grande, até Porto Alegre, e para o Paraná até Curitiba. Eis aí um mundo novo, uma maneira de ser e de viver que os ficcionistas ainda não trouxeram, em todos os seus detalhes, para o conto e para o romance: o mundo ambulante dos caminhões de carga, nas suas viagens que levam dias, ida e volta; os hotéis, as pensões, os postos de serviço que por causa deles foram sendo criados à margem dos caminhos; os homens que para atendê-los se foram estabelecendo aqui e ali, nos pontos de parada; as relações os contatos, os parentescos, enfim, surgidos desse estranho nomadismo da era da máquina...

— Aqui — me vai dizendo o “chauffeur” da “limousine” na estrada Joinville-Curitiba — tombou Manoel com o seu caminhão carregado de madeira. Era de noite, e havia caído um barranco sem que êle soubesse... E ali morreu, numa derrapagem, o Fritz, que meses antes tinha casado com a filha do dono do nosso “ponto de almoço” nestas redondezas...

É um mundo novo, nas estradas, que já possui inclusive os seus próprios heróis, heróis anônimos dos transportes rodoviários...

— 0 —



"MINEIRO" de Carlos Seliar

SONETOS DE SHAKESPEARE

Por ARNALDO S. THIAGO

(da Academia Catarinense de Letras)

Quando Huxley afirmou, em defesa da sua tese da criação de todo o Universo por obra do "acaso", que um macaco, batendo durante milhões de anos no teclado de uma máquina de escrever, acabaria compondo um soneto de Shakespeare, talvez tivesse tido mais a intenção de amesquinhar o seu ilustre compatriota do que defender a sua doutrina estulta do mais sórdido materialismo sem Deus, tanto é certo que ninguém, que verseje, escapa à sanha dos despeitados no sentido de amesquinhar toda obra poética que não é própria... dêsses críticos.

Entretanto, mesmo conhecidos através de traduções, vê-se que Shakespeare tem bons sonetos, os quais, no dizer de um dos seus biógrafos, "como toda poesia autêntica, dispensam maiores apreciações. Frutos espontâneos de uma das mais complexas figuras da literatura universal, trazem êles aquelas qualidades fundamentais que, já em 1609 — quando pela primeira vez foram publicados — fizeram de Shakespeare o "grande lírico". A posteridade o consagrou como tal, ao lado do "grande dramaturgo" que realizou a "sondagem mais profunda que jamais se fez no coração humano", a despeito de algumas opiniões menos lisonjeiras de alguns sonetistas da época, — opiniões sem valor algum, evidentemente, dado o natural sentimento de emulação que as movia".

Não concordamos com esta "emulação" que deprecia a obra dos outros; mas fazemos a citação para mostrar que nem Shakespeare escapou à sanha dos perversos críticos demolidores que enxameiam por toda a parte, em todas as épocas. Felizmente, o que faz a grandeza dos poetas e lhes perpetua o nome, é a opinião pública, quase sempre a-pesar-dos críticos de má catadura...

Do volume XXII das Obras completas do grande Poeta inglês, contendo, em edição bilíngue, sonetos, dos quais os de nrs. 1 a 126 dedicados a um jovem e os de nrs. 127 a 154, a uma mulher, destacam-se êstes, traduzidos por Jerônimo de Aquino, aos quais a tradução não matou de todo o encanto:

XXXII

Se viveres depois do meu ditoso dia,
Quando a morte já houver meus ossos empoeirado,
E tornares, acaso, a ver qualquer poesia
Dessas rudes do teu amigo então finado,
Compara-a com o progresso a êsse tempo inerente
E, embora obra mais bela haja outra pena feito,
Conserva-a, em atenção ao meu amor sòmente,
Entre as que de era mais feliz sejam efeito.
Nesse tempo, oxalá que penses amoroso:
"Fôsse poeta moderno o meu amigo, e, certo,
O seu verso melhor seria, mais pomposo,
De linhagem mais alta e estilo mais deserto.
Mas, pois maiores que êle há agora outros poetas,
Lê-lo-ei por seu amor, e os outros, como estetas".

A êste soneto, que revela modéstia, contrapõe-se estoutro, em que o Poeta se impõe:

LIV

QUANTO e quanto mais bela a beleza não fica,
Se a graça da virtude a exorna, porventura!
Bela é a rosa comum, mas sempre a magnífica
O suave e grato olor que lhe deu a natura.
A rosa brava tem o mesmo colorido
Que há na rosa comum, a sua mesma aparência.
Quando o ar do verão lhe abre o botão escondido,
Entre espinhos balouça em contínua indolência.
Mas, porque sua virtude é a forma tão-sòmente,
Ninguém a galanteia; obscura se aniquila,
Some. A rosa comum tem sorte diferente;
Nem morre, se da morta a essência se destila.

Assim tereis da vossa amável juventude,
Destilada, imortal, no meu verso, a virtude.

Sôbre o amor, o vero amor fraterno, escreveu êste belo soneto:

CXXIV

Se o meu amor nascido houvesse entre grandezas,
Bastardo da Fortuna, então, pai não teria,
E, do Tempo assim tendo os mimos e asperezas,
Erva da rua ou flôr de jarra é que seria.
Não. Gerado êle foi, longe dos acidentes
Dessa pompa mendaz, dêsse fingido gôzo,

E não anda sofrendo os remoinhos frementes
Da moda com que o Tempo acena dadivoso.
E não receia a astúcia, ah! não, jamais — a herege
Que sempre influi da vida em todo o curto fio —
Mas, vivendo sòzinho, hàbilmente se rege,
Não viça com o calor, nem morre com o frio.
Dos tolos a calhar aqui o exemplo vem:
Quem vive para o mal desvive para o bem.

CXLIII

Êstes outros, dedicados “a uma mulher”, caracterizam-se pela paixão sensual:

E' uma dona de casa e um filho tem no colo.
Foge-lhe, de repente, uma ave da capoeira.
Apressada, largando a criança no solo,
Atrás da fugitiva, ei-la em doida carreira.
Põe-se a criança a gritar, o olhar em direitura
Da mãe, mas nem sequer consegue ser ouvida,
Pois que ela, a se empenhar da ave na captura,
Do filho, que deixou, vai de todo esquecida.
Como a dona de casa, algo vais tu seguindo,
E eu, como teu bebê, fico a olhar-te insistente.
Atingindo o teu sonho, e disso a glória fruindo,
Volta e faze de mãe: beija-me docemente.
Que tem que andes assim a atender teu Desejo,
Se me deres, na volta, o consôlo de um beijo?

CLI

Muito criança, o amor não pode ter consciência.
Entretanto, do amor é que a consciência nasce.
Então, gentil traidor, de me acusar a ardência
Aplaca, porque o meu error a ti não passe.
Por ti traído, de mim mesmo a melhor parte
Eu traio com a traição da grosseira matéria.
Ao meu corpo a minha alma admite que se farte
Em triunfos de amor. Contra a razão mais séria,
Vendo-te, a carne aponta para ti, levada
Por tua sedução, e contente, e orgulhosa
De se entregar a ti qual tua pobre criada,
Firme ou prostrada junto a ti, ei-la ditosa.
Não vejas inconsciência, oh! não, em eu chamar
Amor a isso que me anda a alçar e a rebaixar.

Onde, porém, Shakespeare evidencia tôda a sua vis psicológica, é nêstes dois últimos sonetos da última parte do volume XXII, dedicados, como já vimos a uma mulher.

Desfigurados embora pela tradução, mui especialmente por se tratar de uma língua anglo-saxônica, língua cuja característica (gênio) é tão diverso do gênio da nossa tão bela mas inculta "última flôr do Lácio", como a considerou Olavo Bilac, êstes dois últimos sonetos são os que mais alto falam da percuciência mental do cantor que faz a glória da Inglaterra:

CLIII

DEPÕE ao lado o archote e adormece Cupido.
Uma Virgem de Diana, a quem veio isso a ponto,
Pega o archote que tanto amor tem acendido,
E numa fonte fria o mergulha de pronto.
A fonte lhe emprestou do Amor o fogo santo
Vivo e eterno calor, que atua em tôda a gente,

E a fêz fervente poço onde sempre, onde tanto
Estranho mal se tem curado plenamente.
Mas Cupido, no olhar da minha dama, o facho
Acende novamente e prova-o no meu peito.
Doente por isso, corro ao poço e aí não acho
A cura desejada e, hóspede contrafeito,
Vejo que meu remédio, Amor, está na chama
Que o facho reacendeu: no olhar da minha dama.

— x —

CLIV

JUNTO ao pequeno deus do amor, adormecido,
Estava o facho seu, que os corações incende.
Castas ninfas em tôrno haviam-se reunido
Com intenção de tomá-lo. A mão virgem estende
A mais bela e devota entre as ninfas presentes,
E, lesta, o apanha e leva. O deus, em tôda parte
Despótico senhor dos desejos ardentes,
Continua a dormir desarmado, dessarte.
A tocha, a ninfa corre a apagá-la num poço
Que do fogo do Amor totalmente se inflama
E buscado se faz, desde então, com alvorôço,

Pelos doentes de amor. Eu também, minha dama,
Fui aí, mas sem fé. Como se há de supor
Que água aquecida com tal facho esfrie o amor?

— x —

Conquanto impossível de experimentar-se todo o sabor intelectual dos versos de Shakespeare, uma vez que se acham êles condimentados pelo sabor de estranhos ingredientes linguísticos, é bem de ver-se que um macaco, mesmo o proposto por Huxley, jamais conseguiria bater à máquina um dos sonetos do genial Poeta do século dezesseis, mesmo trabalhando durante um milhão de anos...

— x —

Dentro de breve deverá aparecer mais um livro do escritor conterrâneo Wilson Pinto. Trata-se da segunda edição do seu livro "AS MAIS BELAS LENDAS BRASILEIRAS". Deve-se esta segunda edição à rapidez como se esgotou a primeira. Logo após êste lançamento Wilson Pinto providenciará a impressão do seu livro "MANDU E A DEUSA BRANCA".

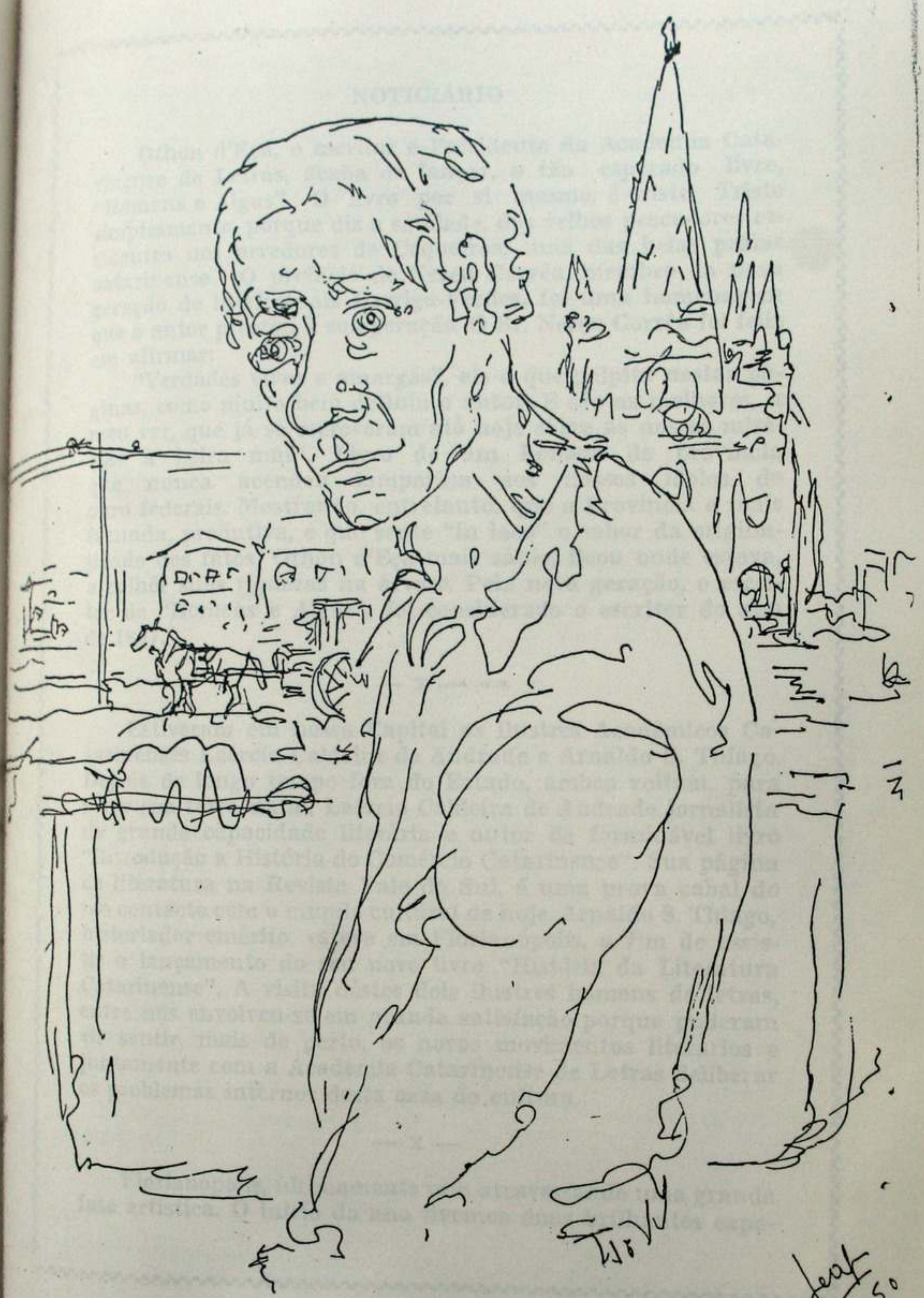
— x —

Celso Kelly, presidente do P. E. N. Clube do Brasil, está estudando as possibilidades para a fundação de um núcleo do P. E. N. em Santa Catarina. O Governador Jorge Lacerda, ao receber do P. E. N. Clube do Brasil uma exposição de seus planos prometeu colaborar no que lhe fôsse possível. Arnaldo Brandão e Othon d'Eça já estão procurando movimentar os escritores catarinenses para a fundação do núcleo do P. E. N. de Santa Catarina.

LEIA



O mais antigo Diário de Santa Catarina



"VELHO" de João Evangelista de Andrade Filho

leaf
1950

NOTICIÁRIO

Othon d'Eça, o escritor e Presidente da Academia Catarinense de Letras, acaba de lançar, o tão esperado livro, "Homens e Algas". O livro por si mesmo, é triste. Triste simplesmente, porque diz a saudade, dos velhos pescadores residentes nos arredores de Coqueiros, uma das belas praias catarinense. O prefácio de Nereu Corrêa, membro da nova geração de intelectuais Barriga-Verdes, foi uma homenagem que o autor prestou à sua geração. O Sr. Nereu Corrêa foi feliz em afirmar:

"Verdades vivas e amargas", eis o que palpita nestas páginas, como muito bem definiu o autor. E são as melhores, a meu ver, que já se escreveram até hoje sobre as nossas misérias à beira mar". Livro de um homem de província que nunca acendeu lamparina aos nossos ídolos de ouro federais. Mostrando, entretanto, que a Província e mais fecunda, produtiva, e que sente "in loco" o sabor da originalidade dos fatos, Othon d'Eça mais sábio, ficou onde estava, a colhêr suas riquezas na árvore. Pela nova geração, o escritor de "Homens e Algas", foi considerado o escritor do ano de 1957.

— X —

Estiveram em nossa Capital os ilustres Acadêmicos Catarinenses Laércio Caldeira de Andrade e Arnaldo S. Thiago. Depois de longo tempo fora do Estado, ambos voltam, para rever sua terra natal. Laércio Caldeira de Andrade jornalista de grande capacidade literária e autor do formidável livro "Introdução a História do Comércio Catarinense". Sua página de literatura na Revista Vale do Sul, é uma prova cabal do seu contacto com o mundo cultural de hoje. Arnaldo S. Thiago, historiador emérito, esteve em Florianópolis, a fim de assistir o lançamento do seu novo livro "História da Literatura Catarinense". A visita destes dois ilustres homens de letras, entre nós envolveu-se em grande satisfação porque puderam vir sentir, mais de perto, os novos movimentos literários e juntamente com a Academia Catarinense de Letras deliberar os problemas internos desta casa de cultura.

— X —

Florianópolis, ultimamente vem atravessando uma grande fase artística. O início do ano tivemos duas brilhantes expo-

sições. Ninguém, por certo, poderá duvidar das dificuldades, das incompreensões e da falta de apôio que o professor Franklin Cascaes passou até a apresentação, de mais esta sua exposição. Sempre só, o artista, não esmorece na fabricação de seus pequeninos bonecos. Escultor de grandes talentos, o artista, sempre soube apresentar peças de grande valor histórico e folclórico. A sua VI Exposição, revestiu-se em grandes sucessos devido a grande visitação que diariamente vinha recebendo pela massa popular. A exposição foi disposta em torno de três temas que são os seguintes: A Farinhada; A Pesca e o Primeiro Aviador Catarinense.

Por outro lado a exposição de Artista Plástico de Santa Catarina, composta dos seguintes artistas: Ernesto Meyer Filho, Aldo Nunes, Hiedy Assis Corrêa, Tércio da Gama, Thales Brognolli, Hugo Mund Junior, Rodrigo de Haro, Pedro Paulo Viechietti e Dimas Rosa, revestiu-se em pleno êxito. A comissão julgadora depois de um profundo estudo das artes de cada um, deliberou sendo Aldo Nunes, Hiedy Assis e Hugo Mund Jr. os melhores. Flávio de Aquino, crítico de artes de diversos jornais do Brasil, em visita a Florianópolis, aproveitou a oportunidade para uma visita à esta exposição. Grande foi sua satisfação de encontrar um grupo de artistas florianopolitanos expondo seus trabalhos de real valor.

— X —

Com o lançamento do número trinta de sua revista "SUL" fica terminado o movimento dêste grupo de moços, que tão brilhantemente vinham colaborando para a maior divulgação do modernismo em Santa Catarina. "SUL" mostrou ao Brasil que a nossa Província cultiva com grande abnegação as letras pátrias.

Êste grupo, Salim Miguel, Eglê Malheiros, Silveira de Souza, Anibal Nunes Pires, Hélio Alves de Araújo, A. Boos Jr., Francisco José Pereira e tantos outros, serão sempre lembrados como os introdutores do modernismo em Santa Catarina.

"SUL" nos dez anos de intensa atividades, firmou-se no âmbito nacional. Se pouco realizaram, embora o apôio recebido, não lhes cabe a culpa, grande foi a vontade de projetar-se nas letras; lamentamos, entretanto, que circunstâncias imprevistas houvessem impedido a continuação de sua publicação.

"SUL" desaparecerá!

Quem sabe, se algum dia "SUL" não voltará a brilhar nas letras catarinenses !

Dez anos de existência.

Dez longos anos de trabalho.

O espírito jovial do "SUL" projetou as letras catarinenses, com as demais do Brasil. Já era mais uma estrêla que brilhava no firmamento das letras.

"SUL" cumpriu a sua missão e graças a êle, foram realizadas: conferências, exposições, livros e cadernos culturais, clube de cinema, teatro experimental e últimamente cinema.

"SUL" será sempre lembrado, pois já começamos a sentir saudades.



VASCO PRADO (O tirador novo "CAMPEIRO" DE Vasco Prado

DA LITERATURA PORTUGUESA

(Transcrição)

Pode-se dividir-se a história da língua e da literatura portuguesa em vários períodos: o 1º. desde o princípio da monarquia até o reinado de D. Diniz; o 2º desde D. Diniz até D. João I; o 3º desde D. João I até quase os fins do século XVI; o 4º. d'aí até a restauração e reforma dos estudos por D. José I.

Pouco se pode dizer do primeiro período, enquanto á língua portuguesa, por nos faltarem escritos em que possamos fundar os nossos juízos; e porque todos os documentos públicos desse período são lavrados no latim bárbaro, que era comum em tôda a Europa. Algumas razões contudo nos fazem crer que nesse mesmo tempo foi a língua portuguesa ganhando, não só cópia de vocábulos, mas também alguma maior regularidade, nas suas formas e sintexe.

Pelo que respeita porém á literatura, sabemos que não foi de todo desprezada, e que havia no reino algumas escolas de ensino público e particular, a que davam proveitoso auxílio aos portugueses que iam instruir-se nas mais célebres escolas estrangeiras, ou os estrangeiros que vinham estabelecer-se em Portugal. Devemos porém confessar que êstes estudos não podiam deixar de ser proporcionados ao estado geral da ignorância e barbarie que ainda dominava nos diferentes países da Europa.

O 2º. período foi mais feliz; porquanto, começando a reinar-el-rei D. Diniz, em 1279, logo as letras receberam o grande impulso que se devia esperar da boa educação e natural gênio deste illustre príncipe. Foi êle o primeiro que entre nós, com sábia e judiciosa política, ordenou que os documentos públicos se escrevessem na língua portuguesa, abandonando o latim bárbaro que então estava em uso, e que ainda por muito tempo se continuou em outras nações. Fêz traduzir em português várias obras, e entre elas o código chamado das partidas, e muitas leis antigas de seus predecessôres, que depois se compilaram no código nacional. Fundou a Universidade, primeira escola geral do reino, da qual pelos tempos adiante saíram tantos homens doutos, como é notório. Finalmente cultivou com particular esmêro as musas portuguesas, dando assim útil exemplo e estímulo aos senhores de sua côrte, e a outros portugueses que o imitaram da mesma gloriosa carreira. Seu filho, o conde de Barcellos, D. Pedro, pôde reputar-se um dos primeiros criadores da história portuguesa. Em Alcobaça estabeleceu o abade D. Estevão uma

escola de latinidade e lógica. D. Domingos Annes Jardo, bispo de E'vora, e depois de Lisbôa, chanceler e valido de D. Diniz, fundou e dotou um colégio de estudos em Lisbôa.

El-rei D. Afonso IV e seu filho D. Pedro, 1º. dêste nome, continuaram a amar e favorecer as letras, á imitação de seu grande pai e avô. D. Diniz.

O próprio rei D. Fernando I em embargo dos graves defeitos que teve como rei, não foi indiferente á cultura dos estudos. Transferiu a Universidade de Coimbra para Lisbôa, para contentar os lentes estrangeiros, que para ela havia convidado, e que preferiam a habitação de Lisbôa, por ser porto de mar. As leis deste príncipe, que vêm compiladas no **Código Afonsino**, parecem notáveis pela sua linguagem, e dão algum indício de que em seu tempo se não tinha em pouco conta e elegância e polides do idioma pátrio. Finalmente, no seu reinado e no precedente se criaram os homens distintos, que logo achamos figurando com dignidade no seguinte reinado d'el-rei D. João I. Tais são, por exemplo, o douto e eloquente João das Regras; o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente; D. João Afonso da Azambuja, que depois foi arcebispo de Lisbôa e cardeal; e agostiniano Fr. João de S. Thomé, grande letrado; D. Antão Martins de Chaves; o doutor Mangaancha, e os ilustres jurisconsultos, que lançaram as primeiras linhas do novo código, etc.

O reinado de D. João I abre com o século XV o 3º. período que foi de glória para a literatura portuguesa, a qual d'aí em diante foi sempre subindo até chegar ao alto gráu em que a vemos quase pelos fins do século XVI.

El-rei D. João I, não obstante os trabalhos e cuidados de uma guerra aturada, nunca deixou de promover e favorecer as letras. Êle mesmo fêz algumas traduções em portugues e começou a copilação em língua portuguesa, do código que depois se promulgou no reinado de seu neto D. Afonso V. Na sua côrte andavam os homens mui distintos na elegância pátria, como se pode coligir da mensão que deles fêz Fernan Lopes. Os filhos dêste grande rei foram todos muito instruidos. Ninguém ignora o grande cabedal de doutrina e instrução que o infante D. Pedro trouxe de suas extensas viagens, e da comunicação com muitos homens doutos, que então ilustravam a Itália; a sua grande paixão pela poesia, de que temos preciosos fragmentos; as outras suas obras ou traduções em português, e as cartas de avisamentos que dava a el-rei, seu irmão, para o govêrno do reino, d'ignas por certo das suas virtudes e da sua prudência política.

escola de latinidade e lógica. D. Domingos Annes Jardo, bispo de E'vora, e depois de Lisbôa, chanceler e valido de D. Diniz, fundou e dotou um colégio de estudos em Lisbôa.

El-rei D. Afonso IV e seu filho D. Pedro, 1º. dêste nome, continuaram a amar e favorecer as letras, á imitação de seu grande pai e avô. D. Diniz.

O próprio rei D. Fernando I em embargo dos graves defeitos que teve como rei, não foi indiferente á cultura dos estudos. Transferiu a Universidade de Coimbra para Lisbôa, para contentar os lentes estrangeiros, que para ela havia convidado, e que preferiam a habitação de Lisbôa, por ser porto de mar. As leis deste príncipe, que vêm compiladas no Código Afonsino, parecem notáveis pela sua linguagem, e dão algum indício de que em seu tempo se não tinha em pouco conta e elegância e polides do idioma pátrio. Finalmente, no seu reinado e no precedente se criaram os homens distintos, que logo achamos figurando com dignidade no seguinte reinado d'el-rei D. João I. Tais são, por exemplo, o douto e eloquente João das Regras; o arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente; D. João Afonso da Azambuja, que depois foi arcebispo de Lisbôa e cardeal; e agostiniano Fr. João de S. Thomé, grande letrado; D. Antão Martins de Chaves; o doutor Mangaancha, e os ilustres jurisconsultos, que lançaram as primeiras linhas do novo código, etc.

O reinado de D. João I abre com o século XV o 3º. período que foi de glória para a literatura portuguesa, a qual d'aí em diante foi sempre subindo até chegar ao alto gráu em que a vemos quase pelos fins do século XVI.

El-rei D. João I, não obstante os trabalhos e cuidados de uma guerra aturada, nunca deixou de promover e favorecer as letras. Ele mesmo fêz algumas traduções em portuguez e começou a copilação em língua portuguesa, do código que depois se promulgou no reinado de seu neto D. Afonso V. Na sua côrte andavam os homens mui distintos na elegância pátria, como se pode coligir da mensão que deles fêz Fernan Lopes. Os filhos dêste grande rei foram todos muito instruidos. Ninguém ignora o grande cabedal de doutrina e instrução que o infante D. Pedro trouxe de suas extensas viagens, e da comunicação com muitos homens doutos, que então ilustravam a Itália; a sua grande paixão pela poesia, de que temos preciosos fragmentos; as outras suas obras ou traduções em portuguez, e as cartas de avisamentos que dava a el-rei, seu irmão, para o govêrno do reino, dignas por certo das suas virtudes e da sua prudência política.

Da mesma sorte ninguém ignora os grandes e assinalados serviços que fêz ás letras, ás ciências, e á civilização em geral do mundo o infante D. Henrique, a cujo gênio e diligências (dizem os autores da História Universal) se devem tôdas as vantagens procedidas do descobrimento da maior parte da África e das Índias, oriental e ocidental, e tôdas as que delas se derivarem até ao fim dos séculos.

El-rei D. Duarte, irmão mais velho dos dois príncipes que deixamos nomeados, e sucessôr de seu pai no trono, foi um raro exemplo de saber e de virtude. As suas obras morais são a pintura da sua bela alma, e o melhor elogio do seu reinado. A êle, especialmente, deve Portugal o corpo da crônica dos reis antigos, que mandou coligir, e a judiciosa escolha que para isso fêz do douto e verídico Fernan Lopes, com razão apelidado o pai da prosa e do período português.

Seríamos infinito se quiséssemos aqui individuar os progressos que neste século feliz fizeram os portugueses nas ciências, nas artes e na literatura. Basta lembrar a publicação do nosso primeiro código, de que já falamos; as outras emprêsas d'el-rei D. Afonso V, e o seu amor ás ciências e aos sábios; a singular perícia d'el-rei D. João II em várias artes, e principalmente na árdua e difícil arte de reinar; e por último, os muitos e grandes homens que no reinado do venturoso D. Manuel, levaram o nome, a fama e a glória dos portugueses até ás mais remotas extremidades do mundo.

El-rei D. João III, que sucedeu no trono a seu pai D. Manuel, tomou grande interêsse pelas letras; e um de seus maiores empenhos foi a reforma, ou antes nova criação da universidade, que executou no ano de 1557, convidando para ela os mais distintos sábios, tanto nacionais como estrangeiros.

A imprensa, que foi uma nova criação para o mundo intellectual, e que se introduziu em Leiria, segundo a opinião de alguns escritores portugueses de boa nota, pelos anos de 1470 a 1474, começou a espalhar entre nós seus benefícios.

Apesar da imperfeição da tipografia que se estreava, bem depressa começavam a ver a luz as inspirações poéticas, excedendo a tôdas as de Bernardim Ribeiro Garcia de Rezende as coligiu no seu Cancioneiro, que fêz imprimir no ano de 1516.

Póde-se dizer que o século XVI foi para Portugal o que para Roma foi o século de Augusto, e para a França o de Luiz XIV. A elocução portuguesa adquiriu então grande magestade e perfeição, pelas obras que produziram grandes escritores, assim em prosa como em verso.

VIRGÍLIO VÁRZEA E O MAR

Othon D'Eça

Depois de um longo e taciturno silêncio, está havendo, pelo Brasil e principalmente aqui em Florianópolis — um rumor de compreensão e de crítica em torno de Virgílio Várzea e da sua obra literária.

Mas, aqueles que possuem os segredos dos labirintos, os engenhos e a percuciência das pesquisas, abandonando o clássico fio de Ariadne, andam erradamente a procurar, com suado esforço, no fundo da grande arte do marinheiro insigne — problemas intelectuais e influências despersonalizantes.

Ora, em Várzea, o que deve interessar é o **HOMEM**, o seu temperamento, a sua maneira natural de entender o mar, de sentir o panorama dentro do qual ele nasceu e que era feito de cômoros errantes, de águas agitadas e de montanhas tranquilas e leves.

E foi justamente, como acentuou Nerêu Corrêa, por haver sobrepôsto à sua fantasia o sentido humano e realista dessa paisagem, que Várzea pode passar, sem nada perder e sem nada receber, através de Loti, de Jack London e de outros escritores que fizeram do mar o cenário aparatoso das suas ficções e por isso constituíram o enlêvo e a delícia emocional do inquieto escritor catarinense. Na verdade, o vigoroso marinheiro barriga-verde ainda não teve o seu exegeta, paciente e eternecido, que não só interpretasse como também ouvisse a íntima sonoridade pessoal que ressoa em sua arte, cheirando à maresia, e que guarda o velho rumor da vaga como um búzio exilado em terra firme.

Várzea não foi o embarcado de japona e barba em volta do queixo, nem o viajor enfarado com a sua boina e o seu Baedeker, nem o marinheiro de cabine florida e passadiço



envidraçado, ou o homem do mar entre rolos de fumo e casamatas adormecidas!

Várzea foi, em toda a sua vida, êle mesmo, o insular de Canasvieira, que tinha a correr-lhe nas artérias o sangue ilhéu do avô açoriano e o calor aventureiro de uma Raça aventureira.

De resto não sentio o mar como um pescador ou um simples praieiro, contemplativo e sossegado!

O escritor insigne, apesar de um artista de incansável fantasia e um espírito inquieto e polifônico, foi sempre o marinheiro dominado, fascinado pelos aspectos largos e frementes do oceano — onde encontrou as tintas vigorosas e naturais dos seus panoramas e que tão bem se misturavam ao seu temperamento e à alma dos seus personagens.

Nascido e creado às margens do mar alto. Várzea amava e compreendia as grandes águas que vem rolando, inquietas e verdes, do fundo do horizonte e que se esboroam às praias em largas e rechinantes echarpas de espumas.

A quietude melancólica das baías, ou das enseiadas, tranquilas e doces; as manchas de água que refletem retalhos de sol ou a figura linfática da lua, não o atraíam senão pelo repouso que elas prometiam após os tumultos, os perigos e os desespêros das grandes ondas rebeldes e iradas.

Longas horas conversávamos, aqui ou no Rio, no meu quarto da Pensão Schray ou numa sala do casarão assombrado e solarengo da praça do Palácio, como êle chamava o velho sobradão em que nasceram os meus avós e se abriram os meus olhos indiferentes e aguados.

E êle então falava das emoções profundas e violentas que o oceano desperta na alma dos homens, os ventos que uivam pelas enxarcias, as tempestades sacudindo as convernagens e rasgando as velas molhadas; ou o ritmo bárbaro e forte das grandes vagas que dão aos barcos, nos dias claros e macios de calmarias — movimentos “acalentadores e maternais!”

Nessas ocasiões êle se agitava, transfigurado! E a sua volta estalava, tinha as ressonâncias poderosas do vento sul!

E lá vinham, então, numa catadupa de vocábulos que só êle sabia empregar com nitidez, as negras tormentas em que se vira batido, no mar alto; as espumaradas violentas que lobrigara, entre os “guascaços formidáveis da chuva”, do cesto da gávea, nesses queridos madeiros à vela que Várzea considerava os únicos navios dignos da vida, da ternura e do amôr do marinheiro!

Às vezes, ao invés de tormentas e de ventanias, eu recor-

dava a quieta postura de uma aldeia de pescadores no Pantano do Sul ou em Itaperobá; o mar babujando as pedras sob o vôo compassado e lento das gaivotas; ou as longas enchias que enxarcam as areias e as enchem de aljofares e de espumas; ou uma canôa vermelha, de quilha esguia, repousando sob um cedro muito verde e todo cheio de sol!

Virgílio se recolhia: — e éra, falando, apenas um aguarelista colorindo, com delicada e pensativa beleza, um pedaço de mar cercado de montes ou de árvores, sob uma tira de céu lustroso e amorável.

Um temperamento assim sòmente poderia encontrar inspiração e contentamento nas vastas e salgadas planuras oceânicas, onde guaiam os velhos ventos vagabundos e o sol aquece os grandes peixes de escamas duras e prateadas.

Várzea e o mar humanamente e paisagisticamente se entendiam e se completavam. Para o grande escritor ilhéu o oceano não fôra sòmente um cenário de perspectivas fortes e amplas ou um rico panorama, sempre belo, sugestivo e sempre renovado — senão alguma cousa de comum à sua vida, à sua vocação, à sua fantasia, sempre palpitante e sempre feérica, mas que jamais perdeu o seu sentido de realidade.

— 0 —

A MORTE DE JORGE LACERDA

ENCONTRAVA-SE EM FASE FINAL DE PAGINAÇÃO, ÊSTE PRIMEIRO NÚMERO DA "REVISTA LITORAL", QUANDO NAS IMEDIAÇÕES DE CURITIBA OCORREU O GRAVE DESASTRE AVIATÓRIO, DESTACANDO-SE O NOME DE JORGE LACERDA, ENTRE OS QUE SUCUMBIRAM.

NADA MAIS PUDEMOS FAZER, SENÃO TRANSCREVER O BRILHANTE ARTIGO DE MANOELITO DE ORNELLAS, QUE MUITO BEM EXPRESSA O PEZAR QUE ENLUTOU AS LETRAS CATARINENSES.

A REVISTA LITORAL, SAIRÁ GRAÇAS A COLABORAÇÃO DO ILUSTRE GOVERNADOR RECENTEMENTE DESAPARECIDO. MOTIVOS DE ORDEM FINANCEIRAS NÃO PERMITIRAM QUE A NOSSA REVISTA SAISSE A MAIS TEMPO, ANTES DE RECEBERMOS A COLABORAÇÃO DE JORGE LACERDA, MANDANDO-A EDITAR PELA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO.

OS JORNAIS DE TODA PARTE MUITO BEM CARACTERIZARAM A PESSOA DE JORGE LACERDA COMO HOMEM DE LETRAS E A SUA PREOCUPAÇÃO PARA O MAIOR DESENVOLVIMENTO CULTURAL EM SANTA CATARINA.

DIRIGIU COM GRANDE PACIÊNCIA E ABILIDADE O SUPLEMENTO DOMINICAL "ARTES & LETRAS", UM DOS MAIS BRILHANTES QUE JÁ SURTIRAM NA IMPRENSA BRASILEIRA.

ABANDONANDO A VIDA LITERÁRIA PELA POLÍTICA, JORGE LACERDA CONTINUOU A GRANDE MISSÃO CULTURAL, E A POUCOS DIAS ATRÁS MANIFESTAVA A SATISFAÇÃO DE ESTAR PRESENTE, JUNTAMENTE COM TODO O MUNDO LITERÁRIO DA CAPITAL CATARINENSE, AO COQUETEL DE LANÇAMENTO DÊSTE PRIMEIRO NÚMERO DA REVISTA LITORAL.

ADEUS JORGE LACERDA. ADEUS DOS AMIGOS DE LITORAL.

A MORTE DE JORGE LACERDA

MANOELITO DE ORNELLAS

Estou prêso, pelo mais íntimo do coração, à vida do povo catarinense, ao qual devo muitos momentos felizes de minha vida. Recordo, hoje, atingido pela brutalidade de uma catástrofe, que foi numa noite de festa, no auditório da Faculdade de Direito de Florianópolis, quando terminava minha conferência sob Gaspar Silveira Martins, que Jorge Lacerda, o jovem Governador do Estado, num vifante improvisado, convidava-me a integrar o corpo docente da Faculdade Catarinense de Filosofia.

Guardei para sempre as palavras generosas e amigas de Jorge Lacerda, quase impositivas e que me levaram, sem tempo para aquilatar sequer do que o gesto significava para mim, à decisão da concordância.

Vivi um ano na cidade encantadora de Florianópolis, onde a natureza maravilhosa se conjuga à excelência da alma de seu povo. Voltei ao Rio Grande, arrastado pela saudade que não tem preço, subjugado por esse amor que tenho à terra e que está acima dos próprios homens. Mas jamais poderia seccionar os liames que me prenderam para sempre à terra barriga-verde. Muitas vezes escrevi que necessito apagar os limites divisórios do Rio Grande com Santa Catarina, para justificar meu amor à terra comum, que foi a mesma para o sonho imatura da República de 35, a mesma para a arrancada cívica dos heróis de 93 e a mesma para os legendários açorianos, que se devidiram entre nossas capitais, como a marcarem, na primeira hora da nossa História, nossos destinos paralelos.

Porque meu coração está prêso àquela Ilha atlântica que a História marcou na Geografia para um grande destino, não posso deixar de dizer ao Rio Grande, neste pedaço de coluna semanal, que meu coração está profundamente atingido pela catástrofe que enluteu o povo nobre, bom e generoso de Santa Catarina.

Quisera que a saúde contingente permitisse, para estar, nesta hora de luto e de lágrimas, junto aos catarinenses, acompanhando-os na provação e na amargura.

Santa Catarina perde três homens públicos. A morte costuma colocar os homens acima das contingências políticas, porque a morte transcendentalisa os acontecimentos. No justo momento da misteriosa transição, a criatura humana ganha altitude e distancia que podem oferecer a mais segura perspectiva de que usa a História e para o reconhecimento de valores e o julgamento definitivo.

Nesta hora, Nêveu Ramos, Jorge Lacerda e Leoberto Leal não são mais os líderes de uma luta partidária. São três homens eminentes que se destacaram numa coletividade, cada um a lutar dentro de um campo doutrinar para a felicidade de seu povo, com as idéias que julgava certas e verdadeiras.

Nêveu Ramos, homem às vezes severo e rude, mereceu de todos os seus conterrâneos, mesmo dos mais intransigentes adversários, o respeito que sua honestidade impunha. Passou pelos mais altos postos da República, honrando as tradições de sua terra, que ele amou feiticistamente.

Leoberto Leal, era um novo líder, jovem ainda, entusiasta, diligente, patriota, para o qual estava aberto um grande caminho na vida pública.

De todos êles, o mais próximo de mim, era Jorge Lacerda, o Governador do Estado que, fora do rosado Palácio do Governo, sempre aberto ao povo e aos íntimos para o café habitual, era o amigo no trato singular, sem excelência e sem protocolos.

Homem de inteligência lúcida, de grande agilidade, generoso, bom, compreensivo, a única maldade que cometeu na vida, foi contra si próprio, trocando a carreira das letras, para a qual nascera marcado pela divindade solar, pelo mundo contraditório, ingrato e limoso da política combativa.

Ele não tinha a alma e o coração feitos para êsses embates rudes, onde o homem sufoca, quase sempre, os impulsos generosos e naturais da condição humana, para se travestir da fúria e ferocidade dos lobos e dos ursos.

Sorridente, êle aceitava a maldade como um imperativo da própria natureza humana. No Jorge tratemo-lo assim, no singular como o tratavamos na intimidade os companheiros que o cercavamos e estimavamos não sobreestaram o calculismo e a frieza do político profissional ao calor humano e ao gesto sensível do homem de espírito.

Não posso imaginá-lo morto, porque êle amava a vida e era prêso, ela ternura, à espôsa amiga e às filhas pequeninas que adorava.

Deste recanto de Pôrto Alegre, onde vivo agora, e de onde vejo, do alto, nesta manhã que sucede à noite da desgraça, o céu nublado e triste do Rio Grande, prolongando-se na distância de Santa Catarina mando eu, ao coração da terra barriga-verde representada na sua gente, o abraço silencioso e demorado que, sem palavras, é a própria eloquência da dor e da tristeza.

"Correio do Povo"

20-6-58

— 0 —

ÍNDICE

página

Nós e o Governador	2
Paschoal Apóstolo apresenta: Balanço Literário de Santa Catarina	3
A Ida da Poesia — poema — C. Ronald Schmidt	6
Soneto da Solidão — poesia — C. Ronald Schmidt	6
Se você Soubesse — poema — Pedro de Garcia	7
XVII — poema Pedro de Garcia	7
Estações — poema — Pedro de Garcia	7
Jangadas ao Vento — poema — Di Soares	8
Janela dos Fundos — Taliarbas S. Martins Costa	9
Uma Administração Fecunda — Nicolau Apóstolo	11
São Francisco — ilustração — Hiedy Assis Corrêa	18
Pórtico — poema — Graciette Salmon	19
O Príncipe e as Palmeiras — Adolfo B. Schneider	20
Consumação Prematura — poema — Nauro Machado ..	27
Velha — ilustração — Glauco Rodrigues	28
Quase Poema para a Avó Morta — poema — Antônio A. N. Fontes	29
Conversando com Ondina Ferreira — Alvim Barbosa ..	30
Oitava Madrugada Primitiva — poema — Pedro Geraldo	34
Última Canção do Tempo Menino — Manuel Walter ..	35
Poema da Anunciação — Manuel Walter	37
O Galo — poema — Luiz Carlos Maciel	38
Amigo Velho — Italino Peruffo	39

Lavrador — ilustração — Pomar	40
O Negro Tinguá — Arnaldo Brandão	41
O Escritor e a Crise da Humanidade — Augusto Sylvio	44
Serragem — Guido Wilmar Sassi	47
Rendeiras — ilustração — Willy Zumblick	54
A Arte Cristã Primitiva — Manoelito de Ornellas	55
Boi de Mamão — ilustração — Mayer Filho	60
Santa Catarina — Brasil Gerson	61
Mineiro — ilustração — Carlos Scliar	66
Sonetos de Shakespeare — Arnaldo S. Thiago	67
Velho — ilustração João Evangelista de Andrade Filho	72
Noticiário	73
O Atirador Novo — ilustração — Vasco Prado	76
Da Literatura Portuguesa	77
Virgílio Várzea e o Mar — Othon D'Eça	80
A Morte de Jorge Lacerda	83
A Morte de Jorge Lacerda	84
Índice	86

Irmãos AMIN

Agradecem a sua preferência

Carlos Hoepcke S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Fundada em 1868

MATRIZ

Rua Conselheiro Mafra, 28/34
Caixas Postais, 1 e 2
Endereço Telegráfico "Hoepcke"
Florianópolis — Santa Catarina

SEÇÃO DE FERRAGENS

Rua Deodoro

SEÇÃO DE MÁQUINAS

Rua Felipe Schmidt

SEÇÃO MAGAZINE

Rua Felipe Schmidt, 1

SEÇÃO DROGAS

Rua Felipe Schmidt

SEÇÃO AUTO SHELL

Rua Conselheiro Mafra

FILIAIS

BLUMENAU

Rua 15 de Novembro, 1365

JOINVILLE

Rua Princesa Izabel, esq. Duque de Caxias

SÃO FRANCISCO DO SUL

Rua Quintino Bocaiuva, 1

LAGUNA

Rua Conselheiro Jerônimo Coelho, 2

LAJES

Rua Correia Pinto, 204

TUBARÃO

Rua Marechal Deodoro, 573

CURITIBA

Av. Vicente Machado, 133/137

FÁBRICA DE PONTAS RITA MARIA

Rua Rita Maria, s/n.